

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A entrevista no programa de TV: construções de diálogos bilaterais no Panorama Entrevista

Juiz de Fora
Janeiro de 2007

Raul Mourão Ruela

A entrevista no programa de TV: construções de diálogos bilaterais no Panorama Entrevista

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora
Janeiro de 2007

Raul Mourão Ruela

O programa de entrevista na TV: construções de diálogos bilaterais no Panorama Entrevista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Christina Ferraz Musse

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado (a)

em _____ pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Orientadora

Prof. Dr. Aluizio Ramos Trinta (UFJF)

Prof. Dra. Iluska Coutinho (UFJF)

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora

Janeiro de 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientadora Christina Musse, à equipe do Panorama Entrevista, em especial, a Regina Gaio, Chico Brinati, José Marcos, Flávio Lins e Ramom William. Ao jornalista Wilson Cid por conceder entrevista. À minha mãe, familiares, amigos e a Deus.

RESUMO

Este trabalho discute o emprego da entrevista no programa de TV que é feito exclusivamente para esse modelo de diálogo. Identifica e questiona caminhos para a construção de conversas televisionadas que permitam a expressão bilateral de idéias, a busca pela verdade, escuta e interação com o outro. Cita o uso do método socrático de diálogo, como um percurso para tal, e reúne técnicas, estratégias e procedimentos adotados para entrevistar, como, por exemplo, os cuidados para não direcionar a resposta do interlocutor e a atenção aos avisos não-verbais que sinalizam desconforto ou até mentiras. Verifica alguns usos da entrevista na TV brasileira e juizforana ao longo da história do veículo e relaciona seus principais programas que se voltam para o encontro de entrevistador e entrevistado. Os estudos são aplicados na análise de uma produção local semanal, o Panorama Entrevista, que, há mais de um ano no ar, tem a característica de privilegiar o convite a mineiros e compor-se, além da entrevistadora, de co-entrevistadores.

Entrevista. TV. Técnicas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O DIÁLOGO DE SÓCRATES NA TV	11
2.1	MÉTODO SOCRÁTICO NO DIÁLOGO	11
2.2	O DIÁLOGO NA TV	14
3	A ENTREVISTA E O PROGRAMA DE TV: GÊNERO, FORMATOS, TIPOS	19
3.1	GÊNERO, FORMATOS, TIPOS	19
3.1.1	Histórico da entrevista no jornalismo	20
3.1.2	O gênero e o formato do programa de entrevista	21
3.1.3	De rotineira a dialogal: vários tipos de entrevista	23
4	TÉCNICAS DE ENTREVISTA	27
4.1	PESQUISA, ROTEIRO E PRIMEIROS CONTATOS	28
4.2	ESCOLHA E EXECUÇÃO DAS PERGUNTAS	31
4.3	“ASSOPRAR OU BATER”	35
4.4	CONDUÇÃO DA ENTREVISTA: MOTIVAÇÃO	36
4.5	IMPROVISOS	37
4.6	ENCERRAMENTO	38
5	O PROGRAMA DE ENTREVISTA NA HISTÓRIA DA TV NO BRASIL E EM JUIZ DE FORA	40
5.1	A HISTÓRIA DA TV BRASILEIRA E A ENTREVISTA	40
5.1.1	As mudanças com o videoteipe e a tv em cores	41
5.1.2	Programas de entrevista ousam na ditadura	44
5.1.3	Da redemocratização aos dias atuais	47
5.1.3.1	<i>Relação de alguns programas de entrevista na TV aberta</i>	48
5.2	A TV EM JUIZ DE FORA	48
5.2.1	Programas de entrevista na TV aberta regional atualmente	50
6	NOS BASTIDORES DO PANORAMA ENTREVISTA	52
6.1	O PROGRAMA	52
6.2	ENTREVISTADOS	54
6.3	CO-ENTREVISTADORES	59
6.4	ENTREVISTADORA	60
6.5	PRODUÇÃO E EDIÇÃO	62
6.5.1	Na gravação, o ao vivo	64
6.6	CENOGRAFIA	67

6.7	CINEGRAFIA, ILUMINAÇÃO E SOM	70
6.8	CHAMADAS, AUDIÊNCIA E REPERCUSÃO	71
6.9	MUDANÇAS	73
7	ANÁLISE DE EDIÇÕES DO PANORAMA ENTREVISTA	76
7.1	ESCOLHAS	76
7.2	METODOLOGIA	77
7.3	A ORIENTADORA É UMA DAS ANALISADAS	78
7.4	CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE AS GRAVAÇÕES FORAM ASSISTIDAS	78
7.5	ANÁLISE DA ENTREVISTA COM AS CANTORAS CÉLIA E CELMA	79
7.5.1	Classificação da entrevista, entrevistado e entrevistador	84
7.6	ANÁLISE DA ENTREVISTA COM SECRETÁRIOS DE ESTADO DE MINAS GERAIS	85
7.6.1	Classificação da entrevista, entrevistado e entrevistador	88
8	CONCLUSÃO	90
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
	ANEXOS	95
A	ENTREVISTA COM A APRESENTADORA CHRISTINA MUSSE	96
B	ENTREVISTA COM A EDITORA-CHEFE DO PANORAMA ENTREVISTA, REGINA GAIO, E O PRODUTOR, FRANCISCO BRINATI	107
C	ENTREVISTA COM A CANTORA CELMA	120
D	ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO CONSELHO DA O.P.COM, OMAR PERES, EXTRAÍDA DO PORTAL iPANORAMA	122
E	NOTÍCIAS SOBRE O PANORAMA ENTREVISTA NO PORTAL iPANORAMA	124
F	CONVITE A ENTREVISTADO ATRAVÉS DE E-MAIL	125
G	PESQUISA PARA A ENTREVISTA COM O REITOR DA UFJF, HENRIQUE DUQUE	128
H	SCRIPT DO PROGRAMA COM O REITOR DA UFJF, HENRIQUE DUQUE	137
I	NOTÍCIAS SOBRE O PANORAMA ENTREVISTA NO JORNAL PANORAMA	139

**J RANKING DOS 30 PROGRAMAS MAIS ASSISTIDOS NA TV
PANORAMA**

143

1 – INTRODUÇÃO

Insinuam-se quais seriam os limites capazes de distinguir entre uma boa entrevista jornalística e aquela que não passa de um mero ato de captar informações com pouca análise e interação. As razões da elaboração deste trabalho estão em saber identificar o percurso necessário para se conseguir diálogos em programas de entrevista na TV que sejam marcados pela busca de uma verdade dialógica, a construção de saberes, escuta, percepção, inter-relação e conhecimento do outro. Ao mesmo tempo, é fundamental identificar, nesse encontro, quais são os obstáculos enfrentados no desempenho dos interlocutores, as barreiras estruturais amplas e específicas.

Indaga-se, inicialmente, se a televisão, um veículo que tem sido acusado, em geral, de informar e desinformar, conquistar audiência por meio do espetáculo e sensacionalismo e, colocada no banco de réus, ainda por criar falsas realidades poderia permitir-se aos desafios do diálogo. Um dos modelos de discursos que buscamos está, na Antiguidade Grega, construído através do método socrático dialógico. A conversa, nesse processo instaurado por Sócrates, dá-se por debate de idéias, apresentam-se vários pontos de vista sobre um mesmo assunto e estimula-se a expressão do interlocutor. Com isso, pretende-se que a entrevista construa idéias, pensamentos por meio da conversa franca entre entrevistador e entrevistado. O transporte do recurso filosófico à TV - suas possibilidades, vantagens e impedimentos são exemplificados no capítulo 2.

A seguir, na terceira parte, discorreremos sobre as origens e tipos da entrevista no jornalismo, acrescida da discussão sobre gêneros e formatos em TV para entender as variações, estratégias, tendências, limites e características dessa forma de interação dialógica.

Consideramos que para obter uma conversa franca, o jornalista necessita estar atento a alguns procedimentos e estratégias como a escuta, a relação que estabelece com entrevistado, às formas de perguntar, interferir. Entre essas técnicas, tratadas no capítulo 4, está a percepção de linguagem não-verbal, a atuação no improviso e o questionamento de pontos falsos, contraditórios ou infundados do interlocutor. São atitudes que vão ao encontro das concepções de diálogo por Sócrates. Evita-se assim, entre outros prejuízos, a superficialidade de encontros mecânicos ou com respostas preestabelecidas. Para fundamentar o capítulo, consultamos os estudos de pesquisadores, manuais de redação e estilo, analistas de discurso e profissionais da área.

Ante ao conhecimento do método socrático, gêneros e técnicas de entrevista, procuramos entender a trajetória da televisão no Brasil e em Juiz de Fora para compreender quais são as circunstâncias em que são criadas as entrevistas de TV, quais produtos são valorizados, as chances que programas de entrevista tiveram para figurar na programação. A pesquisa mostra também a presença da entrevista nos períodos históricos do veículo. Listamos ainda alguns dados sobre as principais produções voltadas para a técnica jornalística em questão, favorecendo a conhecimento desses produtos ao longo da história da TV no país e na cidade.

Para ser o foco da análise do emprego de técnicas, método de diálogo, formatos, etc, optou-se por um programa local, o Panorama Entrevista, veiculado pela TV Panorama, aos domingos, normalmente a partir das 23h30. A emissora é a afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora. A escolha foi motivada pela intenção de direcionarmos nossos estudos para uma produção regional. A opção foi reforçada pela facilidade de deslocamento até o estúdio de gravação e contato com equipe técnica e por virmos acompanhando o programa há mais tempo. Abordamos, na sexta parte desta pesquisa, a história do objeto de análise, suas variações, os trabalhos de produção, edição, cenografia, imagem, iluminação, som, além de

comentarmos sua audiência e formas em que é repercutido e as mudanças pelas quais tem passado e pretende implementar.

Cabe-nos ressaltar que a apresentadora do Panorama é a orientadora deste trabalho, Christina Musse. Ao propormos os estudos reconhecemos a possibilidade de a avaliação correr o risco de ser parcial ou tendenciosa em consequência de ela ser a coordenadora e objeto de análise. No entanto, a relação com a professora foi o suficientemente próxima para receber os encaminhamentos de um trabalho científico, aproveitando seu conhecimento teórico e prático, e distante o possível para realizar objeções, críticas, reconhecimentos quanto às ações desenvolvidas por ela à frente do programa.

A confluência do trabalho dirige-se para a análise de duas edições. A primeira teve a presença das cantoras Célia e Celma e a outra a participação dos secretários de Estado de Minas Gerais Alberto Portugal (de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), Custódio Mattos (de Desenvolvimento Institucional) e Marcus Pestana (de Saúde).

2 – O DIÁLOGO DE SÓCRATES PARA A TV

Ao entrevistar, o jornalista poderá ter a oportunidade de conhecer a história, desejos e verdades do outro. Estará atento para, em exercício semelhante a uma investigação filosófica, aprimorar-se e se aproximar da veracidade de fatos, leis, estudos.

O diálogo está entre as formas de comunicação que ganha destaque, na Grécia Antiga, no qual a entrevista está inserida. Nessa época, um filósofo implementa um meio de como discutir, obter informações e crescer, no discurso, ampliar a visão junto com o interlocutor. O estudioso é Sócrates¹. Seu método é considerado ainda como um dos mais justos.

Bakhtin (1986, p.94-96) *apud* MACHADO (2005, p.72-73) considera inclusive que o surgimento do diálogo, como gênero, na antiguidade grega, ocorreu “a partir principalmente do método socrático, que serviu de modelo a praticamente todos os grandes dialogistas do primeiro período (Xenofonte, Ésquilo, Fédon, Alexameno, Glauco, Simmios, Euclides, Anthisteno, etc).”

2.1 – MÉTODO SOCRÁTICO NO DIÁLOGO

A importância do diálogo, na Grécia, é observada quando se desenvolve a democracia. Anteriormente, famílias aristocratas tinham criado um modelo de educação

¹ Filósofo nascido, em 470 ou 469 a.C, em Atenas, filho de Sofrônico, escultor, e de Fenáreta, parteira. Aprendeu a arte paterna, mas dedicou-se inteiramente à meditação e ao ensino filosófico. É conhecido como o patrono da ciência. Foi condenado a tomar cicuta, em 399 a.C, por ser considerado contra a ordem.

próprio que afirmava ser o homem ideal aquele que era guerreiro, belo e bom. Esse padrão masculino era envolvido pela beleza trazida do corpo que concorria em Olimpíadas, danças e jogos de guerra. A bondade era proporcionada seguindo as virtudes dos Deuses e de heróis, principalmente, a coragem para morrer na guerra.

Uma vez instalada, a democracia destina a educação para a cidadania, que permite a consciência de saber ser governado e poder governar. Por garantir a participação no governo, o cidadão tinha o direito de se exprimir, discutir e defender, em público, suas opiniões. Daí, a razão pela qual a fala, o discurso são valorizados.

No entanto, aos poucos, essa liberdade de expressão transformou-se por alguns grupos num excesso de discursos persuasivos, que podem deixar de lado virtudes para obter vantagens desleais. Entre essas pessoas, chamadas de sofistas, os mais importantes que aderiram à idéia foram: Isócrates de Atenas, Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini. Sócrates rebelou-se contra os sofistas, pois julgava que eles defendiam qualquer idéia independente de suas conseqüências.

A opção pelo caminho socrático, segundo ele, começava no auto-conhecimento. É notável a expressão que usava: “Conhece-te a ti mesmo.” O saber sobre si permitiria conhecer limites, preconceitos, organizar-se e aceitar-se como ignorante, no sentido de desconhecer as coisas.

Assim, inicia o método socrático, chamado maiêutico². Consiste em extrair idéias por meio de perguntas; supondo que as tais idéias já existem na mente “grávida” do sujeito, mas precisam de um “parto” para se tornarem manifestas. (BLACKBURN, trad. Murcho, 1997, p.332)

O filósofo colocava pessoas umas diante das outras para discutirem assuntos sob os mais diversos ângulos. Ele não impunha caminhos nem direcionava respostas. Os dois

² Do grego *Maia* (mãe, parteira) - uma das deusas que formam as Plêiades - e de *téchne* (técnico); isto é, "arte da obstetrícia".

procedimentos mais importantes usados por Sócrates, no diálogo, são a *síncrise* e a *anácrise*. O primeiro baseia-se na confrontação de dois ou mais pontos de vista sobre o mesmo assunto, a partir de perguntas sobre algum conceito, por exemplo. Mais à frente demonstrava a partir de novas perguntas que existiam contradições nas respostas de seu interlocutor. Era preciso, por conseguinte, que o outro reavaliasse a explicação e tomasse consciência da ignorância. O segundo mecanismo procura formas de fazer o interlocutor expressar as idéias mesmo quando elas não estão claras para a pessoa. Sócrates acreditava que, dialogando, o indivíduo esclareceria os próprios pensamentos.

O filósofo instaura, assim, um mecanismo de busca pela verdade por meio do diálogo, que

[...] se opõe ao monologismo oficial que se pretende dono de uma verdade acabada, opondo-se igualmente à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica. (Bakhtin , 1986, p.94 *apud* MACHADO, 2005, p.73)

A busca pela verdade é atravessada pela interação entre os interlocutores e a consciência de que um não pode impor um sentido ao outro, sob o risco de prejudicar o diálogo.

[...] Ele [o mestre] só pode operar como um braço auxiliar da razão, que, uma vez ativada, traz em si o princípio que a faz produzir, isto é, conhecer. Interferir nesse processo, colocando na alma do outro um saber que não nasceu ali é uma opção pelo fracasso. Ele não promove a conversão, ele não opera o 'milagre' que levar a agir. Ou, se o fizer, a conduta assim provocada terá a qualidade das imitações, e bastará uma circunstância negativa para desviá-la de seu verdadeiro fim. Tal como ocorre com estátuas de Dédalo, 'saberes' transplantados têm a leveza das plantas que não têm raízes. Apenas o encadeamento promovido dialeticamente pela razão pode aprofundá-los, e consolidando-os, torná-los fixos[...] (BARROS, 2007)

Transferida a maiêutica para a entrevista, infere-se, precipitadamente, que ela não se enquadraria. A razão estaria em o jornalista não ser um professor, um mestre que teria a função de ensinar algo ao entrevistado ou ao público. Entretanto, na verdade, o jornalismo extrai dessa técnica uma de suas razões de existência. Quando emite uma mensagem para o público, precisa passá-la o mais próximo da realidade sem inserir preconceitos, julgamentos, conclusões antecipadas, que reduzam a qualidade do diálogo. Isso para que o emissor possa refletir e tirar sua própria idéia sobre o assunto. Analogamente, o esquema é melhor encaixado num diálogo entre entrevistador e entrevistado. Nesse caso, podem ser repetidas as discussões gregas. Por que não discutir idéias, fatos, problemas, num diálogo, usando as técnicas socráticas? Seria permitido na TV?

2.2 – O DIÁLOGO NA TV

De acordo com o professor de semiótica e curador Arlindo Machado (2005, p.74), a televisão e o rádio trazem de volta a possibilidade de formas de diálogo no mesmo sentido que ele era praticado na Antiguidade e sobretudo por meio do método socrático. Há a volta da oralidade – “ou mais exatamente, o advento de uma segunda fase da oralidade, mediado por tecnologia de gravação e transmissão” – (Ong, 1987, 133-136, *apud* MACHADO, 2005, p.74).

No entanto, de acordo com o autor, os *talk shows* e debates da tv atual ainda estão distantes de adotar tal modelo de interação. Somente algumas produções listadas por Machado (2005, p.74-80), consideradas por ele mais ousadas, é que demonstram a execução desse retorno da oralidade e o uso da técnica dialógica de Sócrates. Uma dentre várias causas

do sucesso do emprego desse modelo, conforme o autor, estaria na fuga do esquema das grandes redes nacionais ou internacionais.

Segundo Machado, uma das mais belas ocasiões de construção dialógica na TV foram as séries coordenadas pelo cineasta Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville, chamado *Six fois deux*, exibido, entre 1976 e 1978, pelo *Institut National de l'Audiovisuel*, na França. Em uma entrevista, Godard afirma que o método socrático serviu de modelo inspirador para a sua criação, conforme MACHADO (2005, p.74).

A série consiste, como diz o título, em seis emissões com duas partes distintas cada uma, voltadas todas elas para a discussão do problema da comunicação na vida cotidiana e na mídia. A primeira parte de cada episódio é um ensaio audiovisual sobre algum aspecto da produção e consumo de mensagens no trabalho e no lazer, enquanto a segunda é um perfeito diálogo socrático entre Godard e um entrevistado sobre o assunto precedente. (MACHADO, 2005, p.74)

Na primeira edição, candidatos a emprego atraídos por um falso anúncio no jornal a pedido de Godard são pagos para serem entrevistados. Na conversa, são questionados sobre o trabalho assalariado, a exploração no serviço e o desemprego, em vez de a respeito das aptidões pessoais.

Outra edição, nomeada *France/tour/détour/deux/enfants*, da mesma série trazia um jornalista, Robert Linard, e duas crianças de seis e oito anos, Camille Virolleaud e Arnaud Martin, respectivamente. “[...] Linard não os trata como imaturos, nem se dirige a eles como normalmente os adultos se dirigem a crianças. Pelo contrário, como um bom manejador da anácrise, ele estabelece com os meninos uma intrincada, complexa e desconcertante discussão filosófica [...]” (MACHADO, 2005, p.76) Eles são perguntados sobre temas opostos e existenciais: consumo e produção, dever e obediência, imagem, origem da vida, o ruído e o silêncio, masculino e feminino, entre outros. São assuntos pouco discutidos na infância. Nessa fase da idade, percebe-se que o homem ainda está livre de padrões de

pensamentos, é capaz de responder com mais liberdade. A dupla é abordada em seus afazeres cotidianos. A discussão é suscitada por alguma das ações delas. Quando Camille é obrigada, por castigo, na escola, a escrever cinquenta vezes uma frase, o jornalista aborda-a. Ele faz perguntas que envolvem o dever, a obediência às leis, a revolta, as diferenças entre invenção e cópia, as relações entre escola e empresa.

Um debate fervoroso, “na melhor tradição socrática”, na constatação de MACHADO (2005, p.78), ocorreu em 1995 entre Godard e o ator Michel Piccoli, num programa produzido pelo próprio Godard a respeito dos cem anos do cinema. O pedido partiu do *British Film Institute*. Piccoli era o responsável por planejar os eventos comemorativos dos cem anos da história do cinema, em Lyon - a cidade francesa onde os irmãos Lumière começaram a produzir seus primeiros filmes. Na entrevista, no entanto, em vez de seguir o ufanismo do ator, Godard vai aos poucos desconstruindo a imagem do cinema mundial e francês na atualidade, questiona ainda a originalidade dos Lumière. “O diálogo é tenso, às vezes, até desconfortável, malgrado mantido nos limites da civilidade. Não há muito o que comemorar, parece querer dizer Godard, enquanto seu interlocutor faz das tripas coração para salvar o seu projeto.”(MACHADO, 2005, p.78)

Entre outros exemplos (2005, p.78-79) considerados modelos de encontros dialógicos na TV na percepção do autor são:

- várias séries de entrevistas conduzidas por Bill Moyers, nos EUA. Ele entrevistou as principais personalidades da ciência e cultura contemporânea. Em alguns casos, apresentava o mesmo grau de conhecimento que o entrevistado (desde 1970);

- o programa *Apostrophes* apresentado por Bernard Pivot e *Océaniques* dirigido por Pierre André-Boutang, na França;

- *Teleanálisis*, de Augusto Gongorra, no Chile (1984-89);

- *Incidentes*, dirigido por Jorge La Ferla, na Argentina (1996);

- Diálogos Impertinentes, coordenado por Gabriel Priolli, no qual dois especialistas da mesma área debatem temas geralmente abstratos e transdisciplinares : dor, desejo, o feminino, etc. (TV paga - desde 1995);

- Ética, uma série documental fora do esquema dialógico socrático-bakhtiniano, por apresentar monólogos de filósofos e intelectuais brasileiros, mas em contrapontos (TV Cultura - 1994).

Adiciona o extinto *Vox Populi* e o *Roda Viva*, ainda no ar, exibidos pela TV Cultura. A experimentação vem também de Glauber Rocha (1939-1981) no “Abertura”, programa exibido durante e logo após a ditadura militar, destinado a dar voz a pessoas censuradas, como exilados políticos.

Em corrente semelhante de idéias e da metodologia de Sócrates está o que Cremilda Medina (1986, p.7) nomeia “Diálogo Possível”. Ocorre quando “[...] entrevistado e entrevistador saem ´alterados` do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ´intimidade` entre o EU e o TU” [caixas altas da autora].

Ela, assim como Arlindo Machado, cada um ao seu modo, afirma que há espaço para por em exercício o diálogo possível ou o método socrático por meio da mídia no cotidiano do homem moderno contemporâneo.

Algumas condições estruturais são estabelecidas por Arlindo (2005, p.79-80) para que o encontro alcance o diálogo socrático. Ressalta antes que a “grandeza dos resultados obtidos em todos os programas deriva, naturalmente e em primeiro lugar, das inteligências neles envolvidas”. Um ponto fundamental é a necessária autonomia para os participantes, liberdade para poder fugir do script sem constrangimentos. Esse roteiro não deve fixar movimentos, nem o que é recomendável falar ou a forma com que se deve expressar um pensamento. Outra característica é que o debate deva ser “o fruto exclusivo das idéias, e a astúcia única que se espera de um bom moderador é sua técnica de fustigar idéias,

para que elas possam emergir.” Uma marca da televisão, principalmente, a comercial que atrapalharia o bom desenvolvimento de um encontro é a amarra ao tempo. “Grande parte dos debates promovidos sob essas circunstâncias são marcados pelo ritmo ferrenho do cronômetro, com perguntas e respostas desferidas a queima-roupa, sem intervalos para pausas, hesitações ou reflexões.” (MACHADO, 2005, p.79-80)

No Panorama Entrevista, é possível trabalhar sem o constante olhar e corte do cronômetro? A produção fixa-se ao *script*? Quais são as condições que o programa consegue alcançar? E, se as obtém totalmente ou parcialmente, é possível perceber um diálogo com características do método socrático? Essas perguntas farão parte da análise de duas edições do Panorama. Antes, buscamos compreender mais o tipo de diálogo a que nos atemos – a entrevista. Conhecê-la-emos no jornalismo, algumas de suas classificações e o gênero e formato de programas.

3 – A ENTREVISTA E O PROGRAMA DE TV: GÊNERO, FORMATOS, TIPOS

3.1 – GÊNEROS, FORMATOS, TIPOS

A entrevista está presente em quase todos os programas de tv, seja como ponto de interesse principal como é o caso do Panorama Entrevista, ou como integrante de outros tipos de atração, em diversas combinações. Mas, mesmo quando não é o foco do programa, ocorrem episódios em que a entrevista é tão valorizada que se torna o posto principal daquele dia. Como exemplo, o aguardado bate-papo entre a apresentadora do programa de variedades e o jogador de vôlei bicampeão mundial.

No jornalismo, ela é diferente daquela feita por um médico, um profissional de recursos humanos, um interrogador ou um psicólogo. Há semelhanças, mas são usadas técnicas diferentes e o objetivo é tornar as informações públicas e, dependendo da situação, o mais clara para ser entendida por uma coletividade.

A pesquisadora e professora Cárilda Emerim, conclui que:

Assim, na gênese da entrevista em TV, está a noção de exposição pública, pois, mesmo sendo um simulacro discursivo de diálogo direto, face-a-face, ela é subsumida por um processo comunicativo mais amplo que ocorre em outra instância, entre a emissora e seus telespectadores, mediado pela mídia televisão. (EMERIM in DUARTE e CASTRO, 2006, p. 161)

3.1.1 – Histórico da entrevista no jornalismo

A origem da entrevista teria acontecido, em Nova York, segundo ERBOLATO (1991, p. 156). “Depois de publicar notícias sobre política e administração, a imprensa norte-americana começou a se interessar por histórias de interesse humano.”

Segundo o autor (1991, p.157 *apud* Charnley, ano ?, p.?), o destaque ocorre em 1836, “quando James Gordon Bennet fez perguntas a Rosina Townsend, proprietária de um prostíbulo, em Nova York, no qual ocorrera um assassinato classificado, então, como sensacional”. O *New York Herald* publicou matérias sobre o fato e obteve sucesso ao mostrar a inocência da pessoa apontada como criminosa. O êxito veio porque, anos antes, o repórter havia trabalhado no *New York Sun*, no qual dedicava tempo para descrever ações cotidianas dos nova-iorquinos. O público gostou e ele se aprimorou na tarefa.

Em 1859, surge o sistema pingue-pongue de perguntas e respostas. O repórter Horage Greeley entrevistava, em Salt Lake City, o fundador da igreja mórmon, Brigham Young. (ERBOLATO. 1991, p.158)

Houve objeções por parte de outras publicações. Segundo ERBOLATO (1981, p. 158), a *Pall Mall Gazette*, de Londres, afirmou que a entrevista “era degradante para o jornalista que a fazia, odiosa do ponto de vista do entrevistado e cansativa para o público”. Outro jornal, conforme o autor, declarou, em 1869, que “a entrevista somente podia ser o produto do conluio de um politiqueiro farsante com um farsante repórter.” (ERBOLATO, 1981, p.158).

3.1.2 - O gênero e o formato do programa de entrevista

A professora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Processos de Significação Televisual: gêneros e formatos, Elizabeth Bastos Duarte (2006, p. 20), compreende que “[...] um gênero é, antes de tudo, uma estratégia de comunicação, e é como marca dessa comunicabilidade que se faz presente e analisável no texto.”

A TV Panorama classifica o programa como formato de *talk show*. O modelo é caracterizado por mesclar jornalismo e entretenimento, com apresentação de música, humor, etc. Nacionalmente, propostas semelhantes são realizadas no *Programa do Jô*, apresentado por Jô Soares, na Rede Globo. O programa, em análise, privilegia a informação, não apresenta obrigatoriamente, a cada exibição, cantores em um bloco e dicas de lazer em outro. Houve edições em que o convidado foi uma banda ou uma cantora, os quais apresentaram canções, como ocorreu com o grupo Lúdica Música e a dupla Célia e Celma. Humoristas também foram convidados, mas tanto eles como os músicos não participaram exclusivamente para apresentarem suas canções ou personagens, mas sim para falarem sobre a vida e carreira deles. É natural que, em toda entrevista, ocorram momentos de descontração, curiosidades, seja para adequar-se a um ritmo televisivo ou porque a conversa exige.

É por isso que Duarte questiona a classificação redutiva de um produto televisivo “[...] dizer de um programa que ele é *informativo* ou de *entretenimento* é praticamente nada informar sobre ele. Afinal, que programa não traz informação?” (DUARTE, 2006, p.21) [itálico da autora]

Pode-se afirmar, portanto, que o Panorama Entrevista não abrange todos os elementos de um *talk show*, como apresentação de música, situações de humor provocadas pelo apresentador, receitas culinárias. Porém, percebe-se que se aproxima do modelo quando

a entrevista envolve apresentações musicais, teatrais, folclóricas e de literatura. Afasta-se em ocasiões como a entrevista com cientistas políticos que analisaram o cenário político pós-eleições para governador, deputados, senadores e o primeiro turno para presidente.

O programa de entrevista, essencialmente, é marcado pela presença de um entrevistador e um ou mais entrevistados. Há formatos que misturam vídeos com depoimento de terceiros, perguntas e imagens da vida da pessoa. Outros conjugam informações escritas e infográficos na tela que complementam a fala do entrevistado. Há a tendência de conjugar o hipertexto nesse produto da televisão. Nesse caso, a conversa gravada é paralisada a partir de alguma fala que o entrevistado terminou de emitir, liga-se a um vídeo, uma página de internet, de revista, um clipe de música. Um exemplo seria um cantor dizer que sofreu influências de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Na hora, ouviríamos alguma música deles, um clipe, ou um trecho de entrevista de Caetano sobre as ascendências que recaem sobre ele.

Com custo baixo, um programa de entrevista pode ser gravado em um local ao ar livre, numa sala comercial ou de residência. Ou seja, os valores gastos com produção de cenário são substituídos por locações mais baratas. O cenário pode ser apenas duas cadeiras, ou uma bancada, púlpitos, etc. O fundo do ambiente pode ser revestido de madeira, painéis ou se utiliza do recurso de *chroma key*³, ou todo produzido, com móveis desenhados exclusivamente para a produção, várias câmeras, iluminação automatizada, etc. Independente do lugar e equipamentos, o custo, muitas vezes, é bem menor que o de um capítulo de uma novela ou de uma das edições de um telejornal.

³ Recurso que permite sobrepor uma imagem a outra de fundo ou a uma superfície.

3.1.3 – De rotineira a dialogal: vários tipos de entrevista

Os formatos de programas de entrevista ampliam os tipos dessa técnica de obter informação. São vários modelos, vistos sob diversos pontos de vista - do entrevistador, do entrevistado – e aspectos – conteúdo, circunstâncias de realização, etc. A distinção é condicionada também pelo enfoque do pesquisador, autor. A classificação abaixo foi organizada por Mário Erbolato (1991, p. 159) e vai servir como parâmetro para enquadrar as entrevistas que serão analisadas.

1) *Como geradoras de matéria jornalística:*

- a. de rotina, e
- b. caracterizadas.

2) *Quanto aos entrevistados:*

- a. individual, e
- b. de grupos (subdivididas estas últimas em enquete e de pesquisa).

3) *Quanto aos entrevistadores:*

- a. pessoal (ou exclusiva), e
- b. coletiva (podendo a última subdividir-se em conferências de imprensa e *pool*).

4) *quanto ao conteúdo:*

- a. informativas;

- b. opinativas;
- c. ilustrativas ou biográficas.

Nilson Lage (2001, p.74-75), em ramificação própria, relaciona quatro tipos de conversa quando se refere ao objetivo. A primeira – ritual – é breve, centra-se na importância do entrevistado, o que ele vai dizer é esperado, previsível. Exemplifica com a possível resposta de um jogador de futebol, técnico ou de fontes oficiais sobre problemas corriqueiros. O segundo ramo – temático – envolve-se em mais de um assunto, sobre o qual o entrevistado manifesta conhecimento. A terceira – testemunhal – versa a respeito do saber da fonte que presenciou um fato. Por último, distingue a entrevista em profundidade:

[...] o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, 2001, p.75)

Ao voltar a percepção para as circunstâncias de realização das entrevistas, Lage (2001, p.75-77) distingue quatro variações: ocasional, confronto, coletiva e dialogal. Esta é considerada “a entrevista por excelência. [...] Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o detalhamento e o aprofundamento dos pontos abordados.”

Cárlida Emerim (in DUARTE e CASTRO, 2006, p.170), num trabalho que analisou 14 programas que recorreram 174 vezes a qualquer tipo de entrevista – de telejornal, programa exclusivo, variedades, debate – aprofunda a classificação. Distingue vários caminhos e objetivos quanto à estrutura, formatos, interlocutores envolvidos, espaços e

outros aspectos. Atemo-nos ao que apresenta sobre o ponto de vista do entrevistado e a sob o olhar do programa/apresentador/entrevistador.

Do ponto de vista do entrevistado:

- transmissão de informações por parte do entrevistado;
- autopromoção do entrevistado;
- autoqualificação do entrevistado: na qual o convidado quer comprovar seu conhecimento e capacidade profissional, a de interpretar os fatos e conhecer as ramificações do saber;
- confirmação oficial dos fatos;
- projeção de acontecimentos: o entrevistado demonstra sua habilidade de antever as conseqüências e repercussões dos fatos;
- proposição de compartilhamento: em que convoca os interlocutores a dividir experiências, sentimentos;
- proposição de interpretações, atitudes e comportamentos.

Alterando a posição em que se observa, a classificação abaixo é de acordo com a visão do programa/apresentador/entrevistador (EMERIM in DUARTE e CASTRO, 2006, p. 171-173):

- agregação de informação à emissão;
- apelo pelo engajamento emocional do telespectador;
- apresentação de justificativas: “justificar-se, em seu discurso, frente à não-obediência ao fluxo normal do programa”(EMERIM in DUARTE e CASTRO, 2006, p. 171);
- atualização da emissão;
- conferência de credibilidade às informações veiculadas;

- conferência de relevância à emissão;
- conferência de ritmo à emissão: para seguir a velocidade acelerada da TV na veiculação de notícias;
- conferência de tom à emissão: equilibrar leveza, gravidade, dramaticidade e sensacionalismo;
- configuração do contexto;
- projeção de conseqüências;
- convocação da voz de especialista e/ou autoridade;
- disponibilização de conhecimentos específicos: proporciona compreensão mais forte da informação;
- exploração da imagem do apresentador/entrevistador;
- exposição pública do entrevistado: mostra a relevância do convidado;
- preenchimento de espaço.

A identificação do Panorama Entrevista, nas categorias acima, tende a facilitar o estudo, ao concentrar a análise em alguns pontos específicos. Com a precaução de não impor rótulos, mas correndo o risco, os enquadramentos serão feitos no capítulo que analisa algumas edições do programa.

Para a compreensão desse método de diálogo, estudaremos a seguir algumas das técnicas adotadas para otimizar sua execução.

4 - TÉCNICAS DE ENTREVISTA

Esta compilação de algumas das técnicas de entrevista jornalística foi elaborada a partir de livros, manuais de redação e artigos e tem por objetivo conhecer o que é difundido no meio profissional sobre as maneiras de entrevistar, principalmente, em TV. O conjunto, assim como os estudos sobre *síncrise* e *anácrise*, servirão como alguns dos fundamentos para a análise do programa Panorama Entrevista.

As regras, dicas e considerações, no entanto, correm o risco de compor um guia rígido, estanque, para o entrevistador seguir; retém, se forem aceitas dessa forma, a liberdade e momentos de espontaneidade da conversa. Reconhece-se, portanto, que elas podem e precisam ser questionadas e colocadas em experimentação.

As estratégias ramificam-se e modificam-se a cada tipo de entrevista. As que foram selecionadas aqui se destinam aos encontros mediados pela televisão ou que se adaptam à TV, em programas nos quais aquela atividade jornalística seja a principal atração.

Percebe-se que o conhecimento das estratégias aliado à experiência e à habilidade do entrevistador contribuem para o sucesso da entrevista, o qual é percebido quando o volume de informação é suficiente para o esclarecimento do público-alvo sobre as questões tratadas.

Na contramão do bom desempenho de um entrevistador, autores destacam estas falhas: falta de conhecimento sobre o assunto ou sobre o interlocutor, tempo reduzido, pouca motivação e perguntas incoerentes.

Em resumo, as etapas de uma entrevista consistem em: pesquisa, elaboração de perguntas e roteiros; a seguir, os rituais de primeiros contatos com o entrevistador. Prossegue-se com a execução das perguntas e o estabelecimento de motivação para a condução da conversa. Outra fase é o encerramento.

4.1 - PESQUISA, ROTEIRO E PRIMEIROS CONTATOS

A pesquisa é essencial para o jornalista obter conhecimento sobre o entrevistado e o assunto. Com ela, evitam-se perguntas desnecessárias, ganham-se tempo e confiança do interlocutor, pois ele perceberá que houve preparação do repórter para o encontro. Durante essa coleta de dados, poderão surgir novas perguntas e visões sobre o tema que podem até mudar o enfoque da pauta. Com isso, elabora-se um roteiro que vai orientar o jornalista durante a entrevista. O Manual da Redação da Folha de S. Paulo (2001, p. 40) declara sobre esse percurso inicial do encontro: “Levante sempre o máximo de informações sobre o entrevistado e o tema de que ele vai falar. Com esse material em mãos, reflita sobre o objetivo a que pretende chegar.”

Nem sempre, há tempo para preparar um roteiro de perguntas, no entanto, a Folha de S. Paulo (MANUAL, 2001, p. 40) arrisca-se a dizer que o segredo de uma boa entrevista está na elaboração de um bom guia. Porém, Nilson Lage (2001, p.80) critica essa percepção: “[... a entrevista] depende muito da maneira como é conduzida”. Mais à frente, veremos o que é explicado sobre a condução da conversa.

Logo, o roteiro é um documento flexível, poderá sofrer alterações ou até ser abandonado se o repórter considerar que novas informações importantes devam ser trabalhadas em vez daquelas que previu. Conforme CAMPOS (2002), “[...] o objetivo não é bitolar e restringir o desempenho do entrevistador, mas ser uma base referencial para evitar ‘brancos` e atropelos”. Há um anexo, neste trabalho, com o roteiro usado por Christina Musse na entrevista com o reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Henrique Duque.

Uma sugestão do que pode constar no guia: a seqüência de perguntas ordenadas conforme o grau de interesse, assunto correlacionado ou outro método que convier; o

destaque naquelas que não podem deixar de serem respondidas; as questões que precisam de documentos comprovadores, etc.

Autores aconselham ler as perguntas em voz alta para percebê-las se estão em tom coloquial e claras para serem compreendidas apenas ouvindo-as.

Normalmente, o entrevistado precisa se sentir à vontade para ficar pelo menos um pouco aberto e cativado para responder. A qualidade dos primeiros contatos com o entrevistador contribui para se chegar a tal ponto. É necessário superar aspectos que correm em sentido contrário. De acordo com a circunstância, a presença de um repórter costuma provocar tensão, pela possibilidade de tornar pública ou distorcer a fala de outro, ou por este recear um desempenho abaixo do padrão televisivo.

Sherwood (1981, p.14) destaca a primeira impressão que o entrevistador deve causar diante da pessoa. Segundo ele, é preciso ser amistoso, “[...] um simples sorriso, o rápido e firme aperto de mão e o olhar franco são indispensáveis. [...] é necessário demonstrar educação.”

Sobre os contatos iniciais, Nilson Lage diz que:

[...] uma entrevista conduzida corretamente é precedida de troca de cumprimentos e de palavras sobre qualquer assunto [...] que tem função fática, isto é, pretende estabelecer o contato nos termos pretendidos [...] (LAGE, 2001, p.79)

E complementa os benefícios dessa troca num estúdio de TV: “[...] diante de microfones ou câmeras e refletores de televisão, permite também ambientar o entrevistado; há os que se intimidam diante desses equipamentos ou até mesmo de um gravador de áudio portátil.”

Outra estratégia usual para deixar o entrevistado à vontade é começar a entrevista com atitudes ou comentários bem-humorados, “referindo-se a um jogo importante ou a algo curioso e de conhecimento comum”, conforme Campos (2002) que exemplifica a sugestão:

Em 27 de junho de 1989, ao entrevistar o deputado Ulisses Guimarães, Jô Soares pediu ao garçom que lhe servisse uma dose de Poire (licor de pêra), bebida preferida do Sr. Diretas e de seus colaboradores mais próximos. No dia seguinte, ao entrevistar outro candidato à Presidência da República, Jô chamou a atenção para o sapato Vulcabrás 752 que Paulo Maluf usava e do qual era garoto-propaganda. (CAMPOS, 2002)

Essas estratégias indicam uma disposição para o diálogo conforme Schegloff (1972, p.357) *apud* MARCUSCHI (1998, p.54). Outra forma conjugada ou em substituição ao comentário bem-humorado é começar a entrevista lembrando ao entrevistado o assunto principal da conversa. Segundo Sherwood (1981, p.70), isso fará com que o interlocutor dê mais valor ao encontro. Se for conversar com mais fontes, é necessário informá-lo e explicar por quê.

Passados esses instantes, o artigo do Curso Abril de Jornalismo intitulado “100 dicas para melhorar sua prática [de entrevista]” (2005) analisa e recomenda dicas práticas e outras bastante subjetivas. Uma delas é coerente e remete à aproximação dos dois interlocutores: “Lembre-se de seu objetivo durante a entrevista. Você está atrás de uma entre duas coisas - informação ou intimidade [se for prejudicial, com o] entrevistado.”

Com essa reflexão, o tratamento coloquial convém, todavia, o suficiente para manter uma relação ao mesmo tempo de afastamento e na medida para não parecer bajulação ou dissimulação por parte do entrevistador.

Uma revista americana publicou uma opinião sobre o comportamento, a expressão facial e a relação com fontes durante conversas exibidas do entrevistador de TV Dick Cavett⁴:

Ele desenvolve a conversação, mas não estimula a vaidade do entrevistado, com pequenas interrupções para risos e comentários maliciosos. Seu rosto reflete a intensidade da discussão e dá a impressão moralmente desagradável. Entretanto, sua inquietação nunca demonstra uma postura estudada ou uma autopromoção. Ele não bajula. (? *apud* SHERWOOD, 1981, p. 26)

⁴ Indicado 11 vezes ao prêmio Emmy de televisão americana e ganhador de dois deles pelo Dick Cavett Show entre 1969 e 1996

4.2 – ESCOLHA E EXECUÇÃO DAS PERGUNTAS

A Folha de S. Paulo (2001, p.40) afirma que “[...] o melhor caminho é redigir perguntas tão específicas quanto possível. Perguntas muito genéricas resultam em entrevistas tediosas”. O recado é complementado por Hugh C. Sherwood (1981, p.46): “[...] como regra geral, perguntas específicas geram respostas específicas. Perguntas genéricas geram respostas genéricas, quase sempre inúteis.”

Sherwood (1981, p.46) aconselha ainda a não fazer perguntas capciosas ou inoportunas. No entanto, exagera ao reduzir o início das entrevistas a um modelo ao precisar que “[...] as primeiras três ou quatro primeiras perguntas devem ser bem fáceis de responder.” Complementa: “[...] na quarta ou quinta, você começará a focalizar diretamente o assunto.” (SHERWOOD, 1981, p.50-51) Ao iniciar com questões sem nenhum grau de dificuldade, dependendo do entrevistado, o entrevistador conseguirá entediá-lo e o público logo no início.

Após a pesquisa, elaboração do roteiro e a execução de um dos ritos introdutórios, põem-se as perguntas à tona. Sherwood (1981, p.46) recomenda iniciar com perguntas-chave, já o artigo do Curso Abril de Jornalismo prefere deixá-las para o final.

A decisão sobre o momento de realizar a pergunta faz parte do posicionamento do repórter diante do entrevistador, que poderá escolher a hora por meio de vários critérios. Um deles está em considerar a personalidade do interlocutor, o grau de incômodo da pergunta e as possíveis interferências dela na questão seguinte. As escolhas compõem as estratégias de motivação e controle da entrevista.

O interlocutor pode ser influenciado a responder conforme os interesses do jornalista. O comportamento tendencioso do entrevistador é um tema que está em discussão e, às vezes, é difícil de identificar e mensurar o quanto de uma resposta partiu dele.

Estudiosos de pesquisas de opinião pública buscam evitar qualquer interferência do entrevistador sobre o entrevistado, com destaque para a forma de entoar uma palavra, o modo em que se pergunta, se agressivo, inseguro ou desinteressado. A expressão facial e detalhes do vestuário somam-se à percepção feita pelo entrevistado. São pormenores que têm a força de afetar uma resposta e até mudar o rumo de uma conversa.

Transportada para o jornalismo, a cautela não significa que o repórter, diante de uma resposta lacônica, não deva insistir em saber o que lhe interessa novamente, com a desculpa de não querer influenciar na atitude do entrevistado. Em certas ocasiões, a fonte tem o dever de esclarecer-se diante do público. Em outras, a credibilidade do repórter e do veículo pelo qual ele trabalha interferem na disposição da fonte para falar.

Conforme Sherwood (1981, p. 46), um requisito para elaborar perguntas que nada ou pouco influenciam na resposta é ter cuidado com os advérbios: “sempre”, “nunca”, “às vezes”, “geralmente”, “muito”.

Nesse mesmo tipo de discussão, o Manual da Folha de S. Paulo (2001, p. 40) não recomenda opor-se à fonte no que se refere a figurino: “[...] vista-se sem destoar do ambiente em que será feita a entrevista, para não inibir ou incomodar o entrevistado.”

A pergunta pode vir de diversas formas: na interrogativa direta ou na indireta como “quem sabe você me diz onde ele está.?” (MARCUSHI, 1998, p. 37). Há as questões diretas ou fechadas – normalmente respondidas com frases curtas, “sim”, “não”, ou com uma das opções ditas pelo jornalista. Por exemplo: “A: - O senhor sabe os motivos do acidente? B: - Não, não sei.”. Existem as perguntas indiretas ou abertas, das quais se esperam respostas com mais detalhes.

Outro tipo de construção de pergunta está em inserir uma negativa, a qual pode indicar polidez em algumas ocasiões conforme MARCUSHI (1998, p. 38). Por exemplo: A: - Você não teria um exemplar do vídeo desse programa? B: Não.

MARCUSHI destaca:

Interessante é notar a diferença de uma **P** [pergunta] com um modalizador ou sem ele. Com modalizador, a **P** é sentida com uma preferência negativa esperada:
 - você por acaso já escreveu a carta?
 Uma tal pergunta implica a expectativa da não-realização do ato. Note-se que a forma seguinte é bem mais neutra:
 - você escreveu a carta ?
 (1998, p. 39) [negrito e iniciais em minúsculo nas frases de exemplos de pergunta são do autor]

Perguntas que têm embutida uma negação são relativamente mais difíceis de lidar, pois compreendemos um certo tipo de formulação estruturado assim como uma afirmativa e não como uma indagativa.(MARCUSHI, 1998, p.39). Para exemplificar:

Entrevistador: - Então, você não gostava de música infantil quando criança?

Entrevistado: - É.

Essa resposta é de reafirmação do hábito de não ouvir música na infância. Supomos que isso, no entanto, não se mostra claro diante do ouvinte. O jornalista, assim, talvez sentirá a necessidade de reformular a questão para obter certeza, o que poderia ser evitado.

Um tipo de pergunta desconfortável é aquela em que a pessoa aborda vários pontos de uma vez só, dando a impressão de um interrogatório. O entrevistado sentirá desconforto e possivelmente não se lembrará de cada questão. Tratar um ou, no máximo, dois assuntos por vez a cada tópico proporciona mais importância ao tema. Segundo Marcushi (1998, p.43), uma das conseqüências de uma sessão grande de perguntas seria a perda da naturalidade.

Posicionamento indispensável também para o momento de escolha sobre o que perguntar é a escuta atenciosa, que sintoniza os dois pólos da conversa do início ao fim. O repórter concentra-se nas linguagens verbal e não-verbal a fim de perceber o estado

emocional, as expressões faciais, as reações às perguntas e ainda os sinais que indicam mentira e os gestos do interlocutor – são caracteres que concebem uma análise mais precisa sobre o que é dito.

É necessário, portanto, reconhecer algumas falas não-verbais para entender melhor a conversa. Segundo o professor Nilson Lage (2001, p.80), estes são alguns sinais de resistência por parte do entrevistado, os quais cortam o encadeamento de uma fala: “[...] silêncios, denominações vagas, particularmente quando coincidem com os desvios de olhar e certos movimentos de mãos indicam que se tangenciam questões sensíveis por algum motivo.” Nesse instante, de acordo com Marcuschi (1998, p. 27), “as hesitações (ou pausas preenchidas) servem como momentos de organização e planejamento interno do turno e dão tempo ao falante de se preparar. [...] Às vezes, funcionam para o ouvinte como um pedido de socorro.” Se ocorrem muitas pausas no interior de cada turno (a produção de um falante enquanto ele está com a palavra) e entre um e outro, o interesse pela conversa pode estar diminuindo, segundo Marcuschi (1998, p. 79).

Se não estiver atento, é possível que o repórter perca ganchos de perguntas, questione pontos que já foram esclarecidos, mas nos quais ele não prestou atenção ou conceba um relato com menos qualidade. É provável que o entrevistado sinta-se pouco importante quando percebe que não é ouvido. Logo, poderá encurtar o relato.

4.3 - “ASSOPRAR OU BATER”

A escuta atenciosa, como apresentado, na seção anterior, auxilia a identificar pontos que pareçam contraditórios, falsos ou infundados. Para buscar a verdade, um dos meios usados pelo jornalismo é questionar essas incoerências.

Sherwood (1981, p.73) exemplifica a importância dessa ação com o trabalho de um repórter que tinha a tarefa de descobrir quais eram as desvantagens de os empresários ingressarem na política. Após certo tempo, o encarregado da reportagem informa a um editor que os entrevistados disseram que não havia nenhuma desvantagem. O autor conclui que o jornalista deveria ter questionado os interlocutores, pois existe uma série de desvantagens óbvias: o custo de uma campanha, o tempo a ser tomado por ela e a possibilidade de ser derrotado. O Manual da Folha de S. Paulo aborda o assunto assim:

Identifique contradições. Cite pontos de vista opostos e levante objeções, sem ser deselegante com o entrevistado. Não deixe de abordar temas considerados ‘sensíveis’ pelo entrevistado. Faça perguntas diretas e ousadas. Insista quantas vezes achar necessário se o entrevistador se recusar a responder a alguma pergunta. (FOLHA, 2001, p.40) .

Sherwood complementa:

Há momentos na entrevista em que é necessário discutir e argumentar. Há outros, até, em que é preciso ser rude. Isso acontece raramente. Mostrando um certo respeito ao entrevistado, é dispensável, na maioria dos casos, discutir; não importarão a atitude e as opiniões dele. (SHERWOOD, 1981, p.17)

O jornalista Alexandre Garcia, em entrevista a Carlos Tramontina (1996) *apud* Campos (2002), afirma sobre o embate de idéias: “a pergunta embaraçosa pode ter duas conseqüências: desmontar o entrevistado a ponto de ele contar tudo o que sabe, ou irritá-lo a ponto de passar a responder tudo com monossílabos”. Ele considera bom estudar o perfil psicológico do entrevistado para saber como se deve conduzir a entrevista: “batendo ou assoprando”.

Para ter certeza da validade da resposta a uma pergunta incisiva, dura, aconselha-se confirmar o que o foi dito, ou seja, parafrasear a fala e indagar se foi tal comentário que o entrevistado quis dizer. Para confirmar, sugere-se a soma ou opção, conforme o caso, de outro mecanismo: detalhar o ponto questionado. Como ilustração: se a pessoa diz que entende bem de política, vale perguntar aspectos mais característicos da área, como o que ela pensa sobre a tramitação de um determinado projeto no legislativo.

4.4 - CONDUÇÃO DA ENTREVISTA: MOTIVAÇÃO

A motivação da fonte aumenta, no desenrolar da conversa, quando verifica que o mais importante são as opiniões dela sobre o assunto. O encontro, dessa maneira, não serviu apenas para que ela fornecesse dados que o repórter conseguiria obter na consulta a arquivos, livros, banco de informações, etc.

Conforme Lage:

[...] o resultado do encontro entre duas pessoas depende bastante da avaliação que uma faz da maneira como a outra está recebendo as mensagens. A proximidade física permite uma aferição de resposta - um feedback - rápida, visual, auditiva, corriqueira, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança. (LAGE, 2001, p. 79)

A motivação é estabelecida também a partir do controle da entrevista pelo entrevistador. O jornalista precisa aproveitar o tempo para fazer perguntas de interesse jornalístico, realizar pelo menos as perguntas-chave e abandonar ou reduzir as divagações. Lage (2001, p.80) afirma que uma das táticas para manter o fluxo da conversa é aprender a perguntar sobre as respostas, pois, segundo ele, o entrevistado, em geral, discorre com fluência sobre aquilo que conhece.

Consultamos mais uma vez Sherwood (1981, p.77), para dizer sobre o momento em que se reconhece a perda do domínio. “Ou o entrevistado se põe a falar tanto que o entrevistador não tem chance de fazer outras perguntas ou, quando as faz, não obtém o tipo de resposta que deseja”. Para reverter o quadro, o autor sugere reafirmar os objetivos do encontro, demonstrando que há mais pontos de interesse a serem discutidos, interromper ou aproveitar um gancho da fala para refazer ou pular para uma nova pergunta, mudando de assunto.

Mais um problema a ser enfrentado é a distorção, às vezes, inconsciente, de um fato. A memória sobre um acontecimento, com o passar do tempo, é alterada com o acréscimo de outras opiniões e de cargas emocionais. O desvio é provocado também pela confrontação com experiências vividas e pela auto-censura. Assim, a pessoa relata, nem sempre, um retrato fiel daquilo que presenciou.

4.5 - IMPROVISOS

Ter noções sobre como lidar com improvisos é uma das habilidades que auxiliam a tarefa de entrevistar na TV. Uma resposta da qual se esperava uma longa explicação, de

repente, é abreviada, frente às câmeras, exige-se, rapidamente, do apresentador a capacidade para reformular ou usar uma pergunta-reserva ou solicitar mais detalhes de acordo com a situação. Para facilitar, o roteiro precisa abranger essas variações.

O custo para refazer ou modificar um imprevisto é mais alto na TV. Busca-se evitar mudanças nos planos. Se for decidido que um retorno mal posicionado não é adequado para o padrão televisual, parte da entrevista é refeita ou cortada. Preencher o tempo vago parece ser mais complicado do que completar o espaço em branco de uma página de jornal.

Sherwood sugere algumas ações para aprender a lidar com o imprevisto:

[...] quem quiser ser bom na improvisação tem de aprender, antes a arte de conduzir entrevistas longas, complexas e detalhadas. Tem de aprender a formular as questões, não só as que preparou mas também as que lhe ocorreram no decorrer das entrevista. (SHERWOOD, 1981, p.13)

Apesar de causar um certo desconforto, uma resposta inesperada adere mais naturalidade à conversa televisionada e, em algumas circunstâncias, é indispensável para o público compreender o sentido da entrevista e o comportamento do jornalista e do entrevistado.

4.6 - ENCERRAMENTO

A hora para encerrar uma entrevista é percebida quando são esclarecidos os conceitos e idéias e tem-se um consenso, não quanto ao assunto, mas quanto ao que o interlocutor está dizendo, de acordo com Nilson Lage (2001, p.81) ao citar indiretamente um

dos teóricos modernos da conversação Gordon Pask (1975, p. ?). Lage ressalta um problema referente aos prazos estabelecidos pelo rádio e pela TV, quando em conversas ao vivo: o assunto pode terminar antes do tempo previsto, ou o limite ter sido curto para a conversa.

A seguir, seguem-se rituais semelhantes aos que se fazem no início da entrevista: cumprimenta-se, agradece-se pelo encontro e informam-se quais são os próximos procedimentos para que a entrevista seja veiculada. Esse momento, no entanto, às vezes, não significa o fim da conversa. Sherwood (1981, p. 83) observa que “[...] alguma tensão que o entrevistado tenha sentido desaparece, e então ele pode, repentinamente, lembrar-se de algo que deveria ter dito. Ou deixa escapar uma observação importante, que dá nova perspectiva à reportagem [...]”

Após o conhecimento e discussão de algumas estratégias para entrevistar, estudaremos agora a presença do programa de entrevista no decorrer da história da TV no Brasil e em Juiz de Fora.

5 - O PROGRAMA DE ENTREVISTA NA HISTÓRIA DA TV NO BRASIL E EM JUIZ DE FORA

5.1 - A HISTÓRIA DA TV BRASILEIRA E A ENTREVISTA

A entrevista esteve presente na TV desde a sua criação em 1950 e permeou a programação televisiva de várias formas seja como componente de um programa, em um bloco, ou como atração principal. É importante conhecermos o percurso histórico desse veículo e desse tipo de produção para entendermos as limitações, possibilidades expandidas e as diferentes atuações conforme o contexto político e sócio-econômico. Notaremos as mudanças tecnológicas trazidas com o acréscimo do videoteipe, a ampliação da cobertura com a transmissão via satélite e a descentralização do fazer televisão.

A pré-estréia da TV, no Brasil, aconteceu no dia 3 de abril daquele ano com uma apresentação do Frei José Mojica. As imagens foram assistidas em aparelhos instalados no saguão dos Diários Associados em São Paulo. Em 18 de setembro de 1950, a estréia é oficial: a primeira transmissão é feita através da TV Tupi de São Paulo (PRF-3 TV, canal 3) - a primeira da América do Sul. O responsável pela transmissão foi o dono da emissora, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que controlava uma cadeia de jornais e emissoras de rádio chamada Diários Associados.

O TV na Taba, apresentado por Homero Silva, foi o primeiro programa transmitido e teve a participação de Lima Duarte, Hebe Camargo, Mazzaropi, entre outras personalidades. A produção foi assistida por meio de duzentos televisores espalhados pela cidade. Um ano após a estréia, a quantidade de aparelhos aumenta para sete mil no país.

Em 20 de Janeiro de 1951, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, a TV Tupi inicia suas operações na cidade carioca.

A entrevista como parte de uma produção jornalística é operacionada no telejornal oriundo do rádio, Repórter Esso, que vai ao ar na TV em 1953. Telenovelas e seriados começam a serem produzidos; e, na Tupi, faz sucesso o programa O Céu é o Limite, de J. Silvestre, precursor dos programas de perguntas e respostas da TV brasileira.

Não demora muito para a quantidade de telespectadores ultrapassar a marca de um milhão e meio em 1956. Por volta de 1960, já havia 20 emissoras espalhadas pelas principais capitais brasileiras, e a televisão começava a sair do lugar secundário diante do rádio e do cinema.

De acordo com a Nova Enciclopédia Ilustrada Folha (1996, p. 933), “as transmissões eram ao vivo e programas como Sítio do Pica-Pau-Amarelo, Gincana Kibon, Rin-tin-tin, Sabatinas Maisena e Sessão Zás-Trás faziam muito sucesso junto ao público infantil.”

5.1.1 – As mudanças com o videoteipe e a tv em cores

Em 1958, pela primeira vez no Brasil, é usado o videoteipe (VT). Foi no TV de Vanguarda, da Tupi de São Paulo. Antes, não havia a possibilidade de montagem/edição propiciada pelo VT, os programas eram feitos ao vivo. Em 1962, o equipamento passa a ser utilizado regularmente, o que traz alguns benefícios:

[... ao] acabamento dos programas, e possibilitando a exibição dos mesmos programas em diferentes lugares sem a necessidade de *links* e transmissores, que custavam muito caro. As imagens gravadas seguiam de carro ou avião e os capítulos das telenovelas podiam finalmente ser gravados com antecedência, diminuindo os erros de texto, barateando o custo de montagem de cenário e possibilitando a exibição de capítulos diários. (HISTÓRIA DA TV... 2006)

Com a implementação, as produções passaram a circular nacionalmente, repassadas para cada emissora nas regiões brasileiras. Dava-se início assim aos passos para se obter uma identidade televisual brasileira. Mais pessoas assistiam aos mesmos programas em várias partes do país.

O videoteipe possibilitou um expressivo avanço tecnológico no telejornalismo, cujas reportagens eram feitas anteriormente em películas cinematográficas, montadas e editadas em tempo recorde para serem exibidas nas edições noturnas.

No período em que o uso do VT se firma como uma técnica profissional, nasce a TV Globo, no Rio de Janeiro, canal 4 - inaugurada em 1965; e, em São Paulo, através do Canal 5. Em pouco tempo, a nova estação passou a dividir a liderança com as TVs Tupi e Excelsior. Três anos mais tarde, ela transmite, via satélite, o lançamento da nave espacial Apollo IX. E em 1969, estréia seu principal telejornal, o Jornal Nacional, marcando o início das operações em rede no Brasil. O noticiário era apresentado por Heron Domingues e Léo Batista. Foi o primeiro programa regular a ser transmitido em rede nacional e que implementou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira.

Investimentos do Estado, com o dinheiro arrecadado pelo Fundo Nacional de Telecomunicações e gerenciado pela recém-criada Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), possibilitaram a construção de um sistema de microondas, além de crédito para a compra de receptores e infra-estrutura para a sua expansão. A estrutura governamental ampliou-se, em 1967, com a instalação do Ministério das Comunicações.

A maior parte dos avanços da tecnologia de transmissão, nessa época, foram financiados pelo Estado Brasileiro. Outro auxílio partiu de um acordo da Globo com a empresa americana de comunicação Time-Life, depois julgado ilegal (não era permitido o aporte de capital estrangeiro em empresas brasileiras de comunicação) que:

[...] rendeu à Globo uma injeção de 5 milhões de dólares e a transferência de todo um *know-how* administrativo, técnico e comercial inédito na TV brasileira. Pela primeira vez, uma empresa de telecomunicação organizava em padrões sólidos e modernos, preparando-se para um futuro de estabilidade. A gestação do gigante foi lenta e isso desanimou os amigos norte-americanos, que deixaram a sociedade em 1969, justamente no ano em que a Globo iniciaria a sua arrancada. (LIMA, PRIOLLI e MACHADO, 1985, p.32)

A TV Excelsior teve a concessão cassada, em 1969, depois de dez anos no ar. Um ano após, a quantidade de aparelhos de televisão chega a quatro milhões e 500 mil unidades, atingindo, aproximadamente, a 25 milhões de pessoas. A Rede Globo já liderava os índices de audiência.

A emissora carioca aproveitava assim o filão das telenovelas e de programas de auditório, que junto aos enlatados cruzaram a década de 60 como os três principais tipos de produções televisivas veiculadas no Brasil. A importação de programas dos Estados Unidos a baixo custo expandiu a presença dessas produções na programação da TV. Percebe-se, desde esse tempo, que o programa de entrevista, na televisão brasileira, não era o principal investimento.

Em março de 1972, acontece a primeira transmissão em cores no Brasil: a Festa da Uva de Caxias do Sul (RS). O sistema adotado no país é o PAL-M, e a Globo é a mais adiantada na implantação das imagens coloridas, terá oito horas de programação em cores dois anos mais tarde.

A entrevista vai, finalmente, fazer parte de um dos programas que obterá grande audiência na tela em cores – o Fantástico. Na pauta, estavam inclusos espaços para conversas com músicos, atores, políticos e outras personalidades. Na revista eletrônica dominical, há a mescla de informação e entretenimento.

A cor na telinha, porém, não salvou a emissora pioneira da televisão, a Tupi de São Paulo, da extinção, pois vivia problemas financeiros e de audiência. Ela saiu do ar em 14 de julho de 1980. O desfalque quantitativo de estações é coberto, em três anos, com duas novas redes: SBT e Manchete. Esta “com equipamentos de última geração, apresentando filmes e séries premiadas, numa programação voltada para as classes mais altas” (HISTÓRIA DA ..., 2006). As novas redes, somadas à Bandeirantes, passam a conquistar espaço.

Em meados da década de 80, a Rede Globo possui 42 estações afiliadas e 5.500 funcionários. O SBT, com 22 emissoras e 2.500 empregados, parte para uma linha mais popular, passando para a vice-liderança na audiência. Atualmente a emissora de Silvio Santos Possui 105 emissoras, emprega 5 mil funcionários em sua rede e está presente em 95% do território nacional. Com 121 emissoras entre geradoras e afiliadas, a TV Globo pode ser assistida em cerca de 99% da área do país e mobiliza cerca de oito mil empregados.

5.1.2 – Programas de entrevista ousam na ditadura

Segundo a Nova Enciclopédia Ilustrada Folha (1996, p. 933), “ [...] o telejornalismo ganhou maior projeção através dos programas *Abertura*, *Canal Livre*, *Crítica e Auto-Crítica*, *Sem Censura*, *Vox Populi* e *Conexão Internacional*.” [itálico da Enciclopédia]

O Abertura (da TV Tupi) foi o primeiro programa que ousou no discurso contra a ditadura militar (LIMA, PRIOLLI e MACHADO, 1985, p.39). Foi ao ar de fevereiro de 1979 a julho de 1980. O nome vem da palavra de ordem do governo João Figueiredo. Apresentava entrevistas, documentários e música. Os principais cassados pelo regime e pensadores brasileiros eram convidados: Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola, Darci Ribeiro e outros. O programa remexeu também no modo de fazer televisão.

Uma câmera nervosa, inquieta e “suja”, e uma atuação totalmente engajada, opinitiva, “quente” a nível das reportagens e entrevistas – com esses recursos Glauber [Glauber Rocha, cineasta brasileiro] mostrou, em especial a uma geração emergente de jovens, que era possível fazer boa TV, mal comportada. (LIMA, PRIOLLI, MACHADO, 1985, p.39)

Outra produção voltada para a entrevista, o Panorama, surge em 1975, também na Cultura. Ganha o prêmio de melhor desse ano pela APCA e como melhor programa em 1981. Anos antes, ganhara o prêmio de melhor entrevista com Clarice Lispector como convidada. Em 1984, Paula Dib ganhou o prêmio de melhor apresentadora conferido pela APCA.

O Vox Populi, exibido pela TV Cultura, de Carlos Queiroz Telles e Roberto Muylaert, colocava o cidadão comum diretamente com o entrevistado sem conhecimento prévio das perguntas pelo convidado. Ou seja, agia com o fator surpresa e o imprevisto. Assim como o Abertura, lutou por espaços democráticos na TV nacional. O Vox Populi originou-se de um pedido do secretário de Cultura do governador Paulo Egydio Martins, que desejava criar um programa com audiência na TV Cultura.

O programa ganhou prêmios como o Melhor Jornalismo pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 1977; o prêmio Sanyo, em 1978; e o de melhor programa de

debates/entrevista da APCA, em 1982. Foi ao ar em 1979, interrompe a produção, retorna em 1982, prosseguindo até 1986.

A televisão pública, desta vez a TVE, inaugura outro destaque: o Sem-Censura. Ele reúne, em média, quatro convidados em uma bancada em formato de semi-círculo, assistido em 180° pela jornalista Leda Nagle, que substituiu Lúcia Leme. Por vários anos, o programa é elogiado pela crítica. Está no ar ainda hoje, ao vivo, de segunda a sexta-feira, às 16h.

O Canal Livre surge, em 1980, na Bandeirantes, junta-se às outras produções jornalísticas da época que enfrentavam o regime ditatorial. “[...] era uma tentativa de levar para a tevê um jornalismo mais crítico, opinativo e independente. Esse objetivo era explícito, inclusive no encerramento, quando a voz de Sargentelli era ouvida em *off* na leitura dos Direitos Humanos.” (CANAL LIVRE, 2007). Passaram por lá: Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Jorge Amado, Caetano Veloso, Darcy Ribeiro, Tom Jobim, Chico Buarque, Alceu Amoroso Lima, Vargas Llosa, Shimon Perez e Daniel Ortega.

O programa é assumido, em 1987, pela jornalista Marília Gabriela. Um ano após, ela está à frente de outra produção, Cara a Cara, onde fica até 1994. Com isso, torna-se uma das entrevistadoras mais conhecidas do país. No SBT, estréia, em 1981, o programa de entrevistas Idéia Nova, que reuniu políticos, esportistas, cientistas e outros. Era comandado por Roberto de Souza e dirigido por Arlindo Silva

5.1.3 – Da redemocratização aos dias atuais

O processo de redemocratização é marcado ainda por manifestações, há os comícios e passeatas pelas Diretas Já. A sociedade vivia a expectativa sobre o futuro sem ditadura. Era proveitoso para a população, portanto, ouvir pessoas que se envolveram na ocasião. Dava-se atenção também aos personagens reprimidos pelo regime militar e que passaram a ter a chance de se mostrar sem muito receio.

Além dos programas que continuaram a existir, como o Canal Livre, Sem Censura e Vox Populi, há novos. Em 1983, estreia o Conexão Internacional com Roberto D`Ávila, na Rede Manchete. Fica durante os primeiros meses de estreia da estação entre os mais assistidos. Atualmente, é exibido com outro nome, Conexão Roberto D`Ávila, na TVE Brasil, nas sextas-feiras, às 22h30.

Em 1986, aparece o Roda Viva, na Cultura – programa em que o entrevistado é rodeado por uma banca de entrevistadores. Presidentes, representantes da ONU, de organizações da sociedade civil, ministros e deputados já enfrentaram a sabatina do programa. Em algumas edições, é transformado em uma arena de debates, cujo epicentro é um tema da atualidade e não um convidado. Por dois anos consecutivos, em 1987 e 1988, fatura o prêmio da APCA como o melhor programa de entrevista. É mediado e dirigido por Paulo Markun. Vai ao ar até os dias atuais pelo mesmo canal, nas segundas-feiras, a partir das 22h30.

Na Bandeirantes, os programas Canal Livre e Cara a Cara sobrevivem durante a crise que afetou a emissora no início da década de 90. Foram reduzidos os núcleos de teledramaturgia e de shows, boa parte da programação passou a ser preenchida por filmes e intensificou-se o investimento em esportes.

Inicia-se a transmissão em UHF e surgem as primeiras emissoras a cabo: Abril, Globosat e Net. Expansões ocorrem com a televisão e amplia-se o número de produções destinadas à entrevista. Testes com a tecnologia de alta definição (HDTV) - a qual proporciona melhorias na imagem e no som – são realizados no país. Parte do capital das emissoras a cabo é aberta aos investidores estrangeiros. Programas a cabo possibilitam a uma parte da sociedade assistir a produções do exterior como a americana chefiada por David Letterman e outras.

No início da década de 2000, o Conselho Nacional de Comunicação previsto na Constituição ganha vida. As discussões sobre a democratização das concessões e sobre qual padrão de TV digital deve ser adotado no país são reforçadas pela sociedade civil organizada e acadêmica. O governo federal optou, recentemente, pelo modelo japonês ISDB-T.

5.1.3.1 – Relação de alguns programas de entrevista na TV aberta

Atualmente, alguns dos programas em rede nacional, que estão no ar são:

- Rede Globo: Programa do Jô em formato de talk show (segunda a sexta, após 24h);
- TVE/Rede Brasil: Conexão Roberto D`Ávila (sexta, 22h30)
- TV Cultura: Roda Viva (segunda, a partir das 22h30)
- Band: Canal Livre (domingo, 22h30)

5.2 - A TV EM JUIZ DE FORA

A cidade foi a primeira do interior do Brasil a ter uma estação geradora de televisão, a TV Industrial, inaugurada em 29 de julho de 1964. A iniciativa partiu do empresário Sérgio Vieira Mendes e de seus filhos Gudesteu e Geraldo, os quais comandavam as rádios Difusora e Industrial na cidade.

A emissora tinha sua sede construída no Morro do Imperador, local a 940 m de altitude em relação ao nível do mar, em terreno doado pela prefeitura de Juiz de Fora. Naquela época, cerca de 80% da programação era produzida dentro dos estúdios da TV Industrial e o restante era reservado para projeção de filmes. A programação enfatizava programas educativos, jornalísticos e de auditório – que eram transmitidos, em sua maioria, ao vivo.

Em abril de 1980, a Rede Globo adquire a emissora juizforana, que passa a retransmitir o sinal da rede carioca. Há, com a venda, bastante redução de programas locais, mantém-se somente o telejornal diário. Há a sensação, para muitos, de uma perda, de falta de a população se ver a maior parte do tempo nas telas.

Em 1998, a TV Globo Juiz de Fora passa a se chamar TV Panorama. A mudança faz parte de um projeto de regionalização, idealizado pela Rede Globo, e que procura estreitar os laços da emissora com o seu entorno. Projetos que envolvem a comunidade são realizados como o Esporte XXI em parceria com a UFJF. A emissora ainda pertence, neste período, à família de Roberto Marinho. Seis anos mais tarde, o empresário Omar Peres adquire a emissora, que se transforma em mais uma afiliada da rede carioca. A TV, aos poucos, expande-se para se tornar a maior empresa de comunicação da região - a Organização Panorama de Comunicação (O.P.Com), que engloba o Jornal Panorama, a Rádio Panorama

96,7 FM, o portal de internet i.panorama.com, a empresa de eventos PanShow e a Panorama Editora.

A estação oferece quatro produtos locais: o telejornal MGTV em duas edições (de segunda a sábado, às 12h e 18h50), o programa de cultura e variedades Panorama Revista (sábado, 12h) e o Panorama Entrevista. Há pouco mais de um ano, existia o Panorama Esporte, que era veiculado, de segunda a sexta, antes do MGTV diurno.

Há mais retransmissoras na cidade. Uma delas repassa o sinal da TV Educativa do Rio de Janeiro, instalada em 1981 em Juiz de Fora. Atualmente, exhibe programas da TV Cultura de São Paulo e de outras emissoras educativas, além do programa produzido localmente Mesa de debates. Firmou parceria com o canal local a cabo TV Visão (Net), em 2006, que produz programas de variedades, coluna social, debate político, de humor, turismo e outros tipos. A TV Visão, parcialmente gratuita por causa da exibição através da TVE, cobre parte do espaço de programação local, deixado quase vazio pela extinção da TV Industrial.

Outra empresa de comunicação surgiu, desta vez, na década de 90: a TV Tiradentes, pela qual programas de auditório realizados no teatro do colégio Pio XII mobilizaram escolas da cidade. Poucos anos depois, ela passou a ser afiliada da Rede Record. No final de 1999, migrou para outro canal – o SBT, comprada pela TV Alterosa, de Belo Horizonte, retransmissora do canal paulista. A filial juizforana exhibe um telejornal em duas edições e um programa de variedades apresentado por Alcione Marocolo que oferece espaço para entrevistas. Vai ao ar, nas terças, às 13h30, com reprise, nos sábados, no mesmo horário.

5.2.1- Programas de entrevista na TV aberta regional atualmente

São estas as produções:

- na TV Panorama, afiliada da Rede Globo: Panorama Entrevista, com a jornalista Christina Musse (domingo, a partir de 23h30)
- na TVE Juiz de Fora:
 - produção própria: Mesa de Debates;
 - produzidos pelo canal a cabo TV Visão: Agridoce com a jornalista e publicitária Gisele Cid (segunda, 19h30); Radiola com o jornalista e músico Fred Belcavello (terça, 20h10); Cenário com o jornalista Paulo César Magella (quinta, 19h30) e Dimensão com o jornalista Ismair Zaghetto (quinta, 20h15).

6 - NOS BASTIDORES DO PANORAMA ENTREVISTA

6.1 - O PROGRAMA

O Panorama Entrevista estreou no dia 20 de novembro de 2005. O primeiro programa trouxe o ex-presidente Itamar Franco, que construiu sua vida política em Juiz de Fora. A prioridade desse produto televisivo é mostrar personalidades que tenham ou que mantiveram relações com as cidades mineiras da Zona da Mata, Campo das Vertentes e Serra da Mantiqueira, áreas de cobertura da emissora. Há o destaque para a cidade pólo, Juiz de Fora. É todo produzido e editado, na cidade, por profissionais empregados e outros contratados pela TV Panorama, e exibido, aos domingos, normalmente, por volta de 23h40. Algumas vezes, foi veiculado às 23h, após o Fantástico; outras, às 24h, depois do *reality show* Big Brother Brasil.

A regionalização do programa é relativa como explica a apresentadora, Christina Musse. Um tema, muitas vezes, é de caráter amplo, “como é um escritor, que pode ter nascido aqui, mas a obra dele é universal. Como exemplo, o Luiz Rufatto.” (MUSSE, jan.2007)

Até o dia 21 de janeiro de 2007, foram ao ar 43 edições. A quantidade poderia ser maior, pois o total de domingos, excluídos véspera de Natal e a data em si mais reveillon e domingo de carnaval, dias em que a Rede Globo ocupa toda a grade de programação noturna, é de 56. Outros programas da emissora carioca ocuparam o espaço destinado ao público regional, no decorrer do ano, como a festa de premiação dos profissionais do ano da propaganda e a cobertura da apuração de votos e comemoração nos dois turnos das eleições 2006. As interrupções podem prejudicar a motivação do hábito do telespectador de contar

com o programa todo final de semana. Isso se deduz a partir das reclamações constantes do receptor contra as mudanças de horários e sumiços de programas do SBT.

O programa apresenta vários esquemas de entrevistas. O modelo é a entrevistadora conversar com um ou dois convidados e ceder a palavra, em partes do tempo, para a platéia de três a quatro pessoas, posicionada em frente a ela. No entanto, já houve programas em que a quantidade de entrevistados era maior do que a de entrevistadores, como ocorreu com cantoras da cidade Livia Lucas, Myllena, Josy Oliveira e Anna Terra. Nessa ocasião, além de Christina, elas foram entrevistadas pela jornalista Andréa Andrade. Em outro caso semelhante, três secretários de Estado de Minas Gerais responderam às perguntas de Musse e do repórter Ricardo Ribeiro.

O formato do programa foi alterado numa edição especial de análise sobre o primeiro turno das eleições para presidente, deputados e senadores de 2006. Cientistas políticos conduzidos pelos temas da apresentadora e de outro profissional do jornalismo Wilson Cid avaliaram a disputa eleitoral, as perspectivas e mudanças no cenário político com influência na cidade e região.

Conhecemos e analisaremos, neste capítulo, os critérios de escolha de entrevistados e co-entrevistadores, a história da entrevistadora. Saberemos como é o trabalho da parte técnica envolvida no projeto, formada por uma editora-chefe, um produtor, um operador de áudio, dois cinegrafistas, um supervisor de operações, três editores e um diretor de jornalismo. Será destacada também a produção de um designer que elaborou o cenário e a vinheta de abertura. Além disso, assuntos como vantagens da produção ao vivo e gravada, a audiência, repercussão do programa e as mudanças pelas quais o passou e pretende inserir serão discutidos.

6.2 – ENTREVISTADOS

Uma pessoa se torna um convidado se apresentar alguma relação com a região de cobertura da TV: ter nascido ou vivido parte da vida por aqui ou morar na localidade. As sugestões são discutidas em reuniões entre a editora-chefe, Regina Gaio, e a apresentadora, Christina Musse, com sugestões também de outras pessoas como o produtor, Francisco (Chico) Brinati.

Entre as pessoas da região de peso nacional que o programa tem como meta entrevistar estão a cantora Ana Carolina, a jornalista e apresentadora do Sem Censura, na TVE, Leda Nagle. Na política, listam o deputado federal Fernando Gabeira, o vice-presidente da República, José de Alencar e o governador de Minas Gerais, Aécio Neves.

Mais convidados são desejados por Musse: o arquiteto Rogério Mascarenhas; sambistas da velha guarda do carnaval juizforano; o cantor Milton Nascimento, a escritora Rachel Jardim; o sócio da Pangea Empreendimentos, construtora do shopping Independência e Center Car, Renato Machado; entre outros.

A editora do produto televisivo, Regina Gaio, ressalta que o foco não é para as celebridades, os chamadas 'medalhões', como alguns listados acima. A afirmação se confirma, quando perguntada se convidaria pessoas de renome como o escritor Paulo Coelho ou o cantor Lenine, que veio à cidade para se apresentar. A editora disse que não interessaria, por eles não se adequarem ao perfil da produção e existir espaço na emissora no Panorama Revista, que estaria adequado para recebê-los. “Se o Lula viesse a Juiz de Fora – o presidente do Brasil ! – não se encaixaria no perfil. Mas, o José de Alencar, vice-presidente, quem tem parte da história em Muriaé, se encaixa.”, reforça o produtor Francisco Brinati. (BRINATI e GAIO, nov. 2006). Apesar de estar ligada à região, uma dupla sertaneja teve o convite

recusado. Mais uma vez, segundo a editora, o mais adequado era mostrá-la no Panorama Revista.

A escolha do convidado, segundo ela, orienta-se também pelo tema: se em uma edição tratou-se de política, em outra viria cultura, por exemplo. “Sempre mesclando para não ficar um mês com o mesmo tema. Tentamos um equilíbrio.” (BRINATI e GAIO, nov. 2006)

O pesquisador Pierre Bourdieu questiona os motivos que levam cientistas, escritores, artistas a aceitar participar em programas de tv e propõe aos convidados uma reflexão:

Para orientar a escolha é preciso levar em conta a especificidade do instrumento televisual. Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo. Daí certo número de questões prévias: o que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer do modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Pode-se mesmo ir mais longe: ele deve ser entendido por todo mundo? (BOURDIEU, 1997, p. 175)

Essa precaução desconsidera a possibilidade de um cientista falar para um público dirigido e que, mesmo numa entrevista assistida por uma grande e diversificada audiência, o entrevistado poderá dizer o que pretende em linguagem menos truncada. Subentende-se, de acordo com o pensamento exposto de Bourdieu, que, em todas as produções televisivas, o conhecimento sofre reduções.

No Panorama Entrevista, os entrevistados que passaram pelo programa, desde 2005, foram:

Política:

- Ex-presidente Itamar Franco;
- Embaixador Tilden Santiago;

- Ministro das Comunicações, Hélio Costa;
- Secretários do Estado de Minas Gerais de Desenvolvimento Social, Custódio Mattos; de Saúde, Marcus Pestana e de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Alberto Portugal;
- Ex-prefeito de Juiz de Fora Tarcísio Delgado;
- Prefeito de Juiz de Fora, Alberto Bejani.

Cultura:

Atores:

- Comediante Pedro Bismark;
- Grupo de teatro Ponto de Partida;
- Ator e então diretor do Fórum da Cultura da UFJF , José Luiz Ribeiro;
- Ator comediante do programa Zorra Total da Rede Globo Rodrigo Fagundes.

Músicos:

- Violinista e maestro Luís Otávio dos Santos;
- Grupo Lúdica Música;
- Sambista Mamão;
- Kim Ribeiro;
- Anna Terra, Josy Oliveira, Lívia Lucas e Myllena;
- Célia e Celma.

Escritores:

- Luiz Ruffato;
- Affonso Romano de Sant`Anna;
- Mary França.

Artista Plástico:

- Carlos Bracher;
- Ilustrador e pintor Eliardo França junto no mesmo programa com a mulher, Mary França.

Cineasta:

- Marcos Pimentel.

Diretores de centros culturais:

- Diretora do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte, Ângela Gutierrez;
- Diretor-superintendente da Fundação Museu Mariano Procópio e ex-prefeito, Mello Reis;
- Presidente da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, Mônica Botelho, de Cataguases.

Esporte:

- Ex-jogadora da seleção brasileira de vôlei Márcia Fu;
- Ex-jogador da seleção brasileira de futebol Alemão;
- Técnico do Tupi, time juizforano, e ex-jogador da seleção brasileira de futebol, Titã.

Jornalista:

- Ana Cristina Reis;
- Zuenir Ventura.

Economista:

- Mauro Halfeld.

Arquitetos:

- Paulo César Lourenço e Bruno Sarmiento.

Empresários:

- Sócio do supermercado Bretas, Estevam Duarte;
- Presidente da Cemig, Djalma Moraes;
- Empreendedora de moda Raquel Salgado;
- Celinho e Beto Nardelli.

Cientistas políticos:

- Diogo Tourino, Gilberto Salgado, Paulo Roberto Figueira e Mariângela Nascimento.

Reitor:

- Universidade Federal de Juiz de Fora, Henrique Duque.

Profissionais da saúde:

- Dermatologista Cristina Mansur;
- Neurologista Lair Ribeiro.

Líderes de movimentos sociais:

- Presidente do Movimento Gay de Minas, Oswaldo Braga;
- Ex-líder sindical Clodesmidt Riani.

6.3 - CO-ENTREVISTADORES

A platéia que assiste à entrevista no primeiro bloco ganha o direito de fazer perguntas nos dois outros blocos restantes do programa. As pessoas escolhidas relacionam-se a algum dos temas que serão abordados: pode ser um amigo, um companheiro de profissão, um técnico ligado à área do entrevistado, um jornalista, cientista político entre outras possibilidades.

Outro fator condicionante para a seleção é a disponibilidade de horário do convidado para a gravação, tal como ocorre com o entrevistado. O produtor do Panorama explica os critérios usados para escolher os co-entrevistadores para a entrevista com o jornalista e ministro da Comunicação, Hélio Costa:

[Por ele ser] político e ministro da Comunicação – chamamos: um jornalista pra poder falar do jornalismo dele, um político para dizer sobre política e um engenheiro elétrico pra falar de tecnologia. Assim, tentamos sempre mesclar assuntos para que não fique toda uma platéia de convidados com o mesmo tipo de pergunta [...] (BRINATI E GAIO, dez. 2006)

O exemplo acima não é repetido com êxito em algumas edições. A apresentadora, Christina Musse, aponta algumas dificuldades para obter sincronia com a platéia:

Nem sempre, eles conseguem ficar naturais e entrar no espírito do programa ou fazer perguntas relevantes para a audiência como um todo. Às vezes, alongam-se em perguntas que não podem ser cortadas. Não podemos interrompê-los toda a hora e, afinal, eles não estão sendo pagos para isso, vão voluntariamente. (MUSSE, jan. 2007)

Todavia, a presença de mais pessoas que têm a chance de fazer perguntas é vista como um diferencial do Panorama Entrevista pela entrevistadora, editora e produtor. Em poucos programas do gênero é dada permissão a pessoas para serem co-entrevistadoras.

Funcionários das Organizações Panorama de Comunicação fizeram parte da platéia por doze vezes: o diretor da agência de eventos PanShow, Poti Castro; jornalistas da TV - Ricardo Ribeiro, Andréa Andrade e Marco Aurélio; do jornal - Wilson Cid, Douglas Fazolatto e Beatriz Inhudes e da rádio - Roberta Oliveira e Carlos Alberto Ferreira.

6.4 – ENTREVISTADORA

Para fechar o triângulo visível pelo telespectador: entrevistado mais co-entrevistadores está a jornalista Christina Musse, nascida na capital fluminense, em 21 de janeiro de 1957.

Pode parecer estranho quando se ressalta que há a preocupação de trazer mineiros e focar-se no regional, estar como apresentadora alguém com alguns traços do sotaque

carioca. No entanto, isso é amenizado, quando se lembra que o Panorama Entrevista valoriza pessoas que também construíram sua vida na região. Foi assim com Musse.

Formada em dezembro de 1980, em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso - FACHA, do Rio de Janeiro; pós-graduada em Jornalismo pela UFJF e mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Foi repórter da TV Globo de Juiz de Fora de 1981 a 1994. Ingressou como professora, na UFJF, em 1987, sendo hoje professora adjunta. Atuou como assessora de Comunicação da universidade, de 1994 a 1998, e assessora do gabinete da Reitoria de 1998 a 2002. Desde novembro de 2005, apresenta o programa Panorama Entrevista.

Quando estudante, afirma, não pensava em trabalhar com TV, gostaria de fazer parte da redação de revista para elaborar textos mais analíticos. “[...] Por uma questão de conjuntura, mudei-me para Juiz de Fora. Foi uma boa oportunidade que surgiu e apaixonei-me pela TV.” (MUSSE, jan.2007).

Apresentou, em seguida, o Globo Comunidade, uma produção voltada para a discussão e tentativa de resoluções de problemas cotidianos enfrentados pela sociedade local. Ausente da TV, desde 1994, o retorno veio com o Panorama Entrevista - o primeiro projeto do gênero que apresenta. O convite partiu da ex-diretora de jornalismo da TV Panorama, Ana Viana. “Logo aceitei a idéia, pois queria um programa que abstraísse um pouco do dia-a-dia, centrasse mais na discussão de temas ou de personagens [...]” . (MUSSE, jan. 2007)

Entre os profissionais do ramo que admira estão a repórter Neide Duarte, da Globo São Paulo. “[...] Sempre tento olhar a postura dela numa matéria e como ela encaminha um assunto [...]” (MUSSE, jan. 2007). Entre as entrevistadoras, destaca a jornalista Leda Nagle, do Sem Censura, na TVE Brasil e ex-apresentadora do telejornal Hoje da Rede Globo.

[...] Sobre a Marília Gabriela: gosto muito dela, mas nosso estilo é diferente e percebo-a, às vezes, um pouco fria, um pouco centrada nela própria, mais do que considero que um bom entrevistador deva ser. Gosto da Leda Nagle, que é uma entrevistadora de televisão mais parecida comigo: mais solta, um estilo mais alegre, mais reverente [...] O meu jeito parece-se mais com o dela. (MUSSE, jan. 2007)

Christina garante que a vocação dela é para o veículo e se satisfaz por tê-la praticado e dar continuidade. “[...] O programa me completa. [...]”, resume. (MUSSE, jan. 2007)

Um detalhe técnico: Musse é orientada através de ponto eletrônico pela editora-chefe. O mesmo ocorre, em algumas ocasiões, com o companheiro destinado a formar dupla de entrevistadores com a jornalista.

6.5 – PRODUÇÃO E EDIÇÃO

A edição de uma entrevista de jornal corrige normalmente os erros lexicais e sintáticos do entrevistado. Num registro para a TV, porém, a possibilidade de retificar é menor, faz-se apenas por corte ou fundição de uma parte a outra. A preocupação de não cometer falhas graves diante das câmeras, portanto, é maior. “Na conversação, o tempo é real, e tudo o que se fizer é definitivo. Nesse processo, são muito usados os recursos da correção.” (MARCUSCHI, 1998, p.28) Tal proteção ocorre no Panorama Entrevista, pois é esclarecido para os convidados que, por ser um programa gravado, há a liberdade de refazer a fala. Obviamente, esse recurso está melhor disponível para os erros constatados imediatamente. Se um entrevistado chegar ao final do programa e perceber que afirmou algo em

desconformidade, no primeiro ou segundo bloco, gerará mais trabalho para editar. Possivelmente, a editora optará por cortar a parte reclamada se não prejudicar no tempo e no entendimento do programa.

O trabalho de edição do programa envolve outras tarefas além de trabalhar com a ilha de edição linear. A editora-chefe, Regina Gaio, emite avisos no ponto eletrônico, recepciona convidados e realiza outras tarefas. Regina esclarece que seu serviço é de uma editora de um produto jornalístico e não de uma diretora de um produto mais voltado para o entretenimento. No caso do Panorama, portanto, para ela, não seria adequado chamar o trabalho feito de “direção”.

Em entrevista para esta monografia, Regina afirma que os alertas que emite no ponto são, em sua maioria, sobre o tempo, limites do roteiro, avisos para chamar comerciais e perguntas como as sugeridas no exemplo abaixo:

Aí, tento intervir: “Olha, o que é isso que ela [a entrevistada] falou?” Pois, às vezes, ela [Christina Musse], entrevistando, pode não ter percebido. Seja uma simples sigla: “Pergunte o que é?”. Ou o entrevistado fala: “Eu gosto muito de comida mineira.”, pediria para que ela perguntasse: “Mas do quê?”. (BRINATI e GAIO, nov. 2006)

A edição trabalhou com a inserção de imagens em programas como o do pintor Décio Bracher para que o telespectador visualizasse as obras de autoria dele. Em outros, usou imagens de arquivo do Museu Mariano Procópio para a vez em que o Diretor-Superintendente da instituição foi entrevistado. E, na edição com o ator Rodrigo Fagundes, foram exibidos trechos de cenas dele no humorístico Zorra Total em que interpreta um rapaz efeminado chamado Patrick.

No caso de uma cantora, apresentaria uma música. Ela não estava ali pra cantar, mas não dá pra passar o programa sem a canção. No caso do Clodismidt [ex-líder sindical Clodismidt Riani] havia fotos que lembravam os relatos dele do tempo como líder sindical, as quais ajudavam a comprovar o que ele estava dizendo. (GAIO e BRINATI, nov.2006)

O produtor, Francisco Brinati, é responsável por entrar em contato com os participantes e ajustar o horário para gravação. Em anexo, está um e-mail, enviado para a obtenção de entrevista com o governador do estado, Aécio Neves, para comemorar um ano de programa. Ele cuida junto com mais pessoas da recepção a entrevistados e co-entrevistadores. Conforme depoimento dado para esta pesquisa, afirma que não há dificuldades para encontrar um número suficiente de convidados, pois a região oferece uma boa quantidade de pessoas em potencial para serem entrevistadas.

Brinati executa a pesquisa sobre o entrevistado e o assunto a ser abordado no programa. A seguir, repassa para a apresentadora. Um exemplo dessa coleta de dados sobre o reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora está anexada aqui. Ele e a editora trabalham nas mesmas funções em outro programa, o Panorama Revista. Quando há necessidade, atuam ainda nos telejornais MGTV 1 e 2.

6.5.1 – Na gravação, o ao vivo

Todos os programas são gravados, por estes motivos: há alterações no horário de exibição, dificuldades em reunir equipe para produzi-lo no fim da noite, encaixe de horários de cada participante e, possivelmente, na predisposição do entrevistado e platéia em se deslocar até a emissora depois das 23h. O horário para veiculação do programa foi o único

disponibilizado pela Rede Globo, segundo a editora, Regina Gaio. Em acesso ao site da estação carioca, confirmou-se que essa faixa de domingo e a do fim da manhã de sábado é que foram liberadas. O Panorama Revista, produção mais antiga que o Entrevista, ocupa o espaço da manhã de sábado.

Em alguns períodos, foram feitos de um a dois programas por semana; em outros, um a cada quinze dias; e ocasionalmente havia uma distância de quase um mês em relação à última gravação. A maioria dos registros estava marcada para começar às 14h.

Apesar de serem todos gravados, os programas não demoraram para ir ao ar, alguns tornaram-se públicos em quatro dias após produzidos, como foi na entrevista com o presidente do Movimento Gay de Minas, Oswaldo Braga, gravada no dia 16 de agosto e veiculada no dia 20. Espaço de tempo semelhante ocorreu com as produções cujos convidados eram o músico Kim (gravação: 09/08 – exibição: 13/08) e o ator Rodrigo Fagundes (22/08 – 27/08). Outras vezes os intervalos foram maiores: o programa com o líder sindical Clodesmidt Riani esperou 47 dias para ir ao ar. Recentemente, o tempo necessário para editar e expor o Panorama Entrevista tem sido entre dez a quinze dias.

A equipe de edição e produção do programa trabalha com pelo menos um programa gravado de reserva para que um feito durante a semana seja mostrado um domingo depois. Pode ocorrer que o registro da semana seja antecipado e vá ao ar logo no domingo mais próximo, como demonstrado acima. Um dos motivos para essa alteração é a característica factual de determinada entrevista.

Segundo Arlindo Machado (2005, p.126-129), as produções gravadas incorporam uma boa parte das técnicas e situações experimentadas numa produção ao vivo ou se aproximam de um estado semelhante a ela.

[...] No limite, até mesmo seriados e novelas, em que convenções narrativas de certa forma impõem pelo menos um rascunho de decupagem e montagem, não estão inteiramente livres da influência do tempo presente. Tais programas são gravados

com apenas alguns dias de antecedência em relação à emissão e simultaneamente com o andamento dos capítulos. Dessa forma, a construção da narrativa vai absorvendo os imprevistos e buscando formas de corrigi-los [...]
(MACHADO, 2005, p.126)

Nota-se essa particularidade, quando o entrevistado, no Panorama Entrevista, é um músico, pois reserva-se tempo para demonstrações do convidado sem playback. De acordo com MACHADO (2005, p.126-129), a transmissão ao vivo, que acompanhou a TV no início da história dela, é a amostra mais fiel das características desse tipo de mídia e de suas vantagens. Ela traz apresentações de shows, espetáculos de esporte ao vivo que só podiam ser assistidos, em tempo real, no local onde aconteciam, para próximo do telespectador. Outra vantagem, ao contrário do que autores como Pierre Bourdieu e Paul Virilio pensam, “o tempo presente [...] em lugar de eliminar o pensamento, desafia-o a operar em condições de atuação e de atualidade, em pleno calor dos acontecimentos.” (MACHADO, 2005, p.126-129)

Porém, o autor ressalta que tecnicamente o material gravado facilita a censura:

A partir do momento em que a difusão da televisão se generalizou, tornou-se regra proibir a transmissão ao vivo, sobretudo durante golpes de estado, ditaduras, estados de emergência [...] Se a transmissão é simultânea ao evento, não há, a rigor, condições de um controle efetivo do que se transmite, nem da parte dos envolvidos nos conflitos, tampouco dos jornalistas ou da rede emissora que os cobre.
(MACHADO, 2005, p.128-129)

Identificaremos, no próximo capítulo, por meio de edições escolhidas, quais são algumas das características adotadas no Panorama Entrevista que as aproximam de uma produção ao vivo e analisaremos se houve cortes que evidenciam censura no programa.

6.6 – CENOGRAFIA

O cenário manteve boa parte das características iniciais de quando estreou. Alteraram-se alguns detalhes, como a transformação da arquibancada de dois níveis para um assento de um só degrau com estofado, mas sem perder a identidade do programa.

Segundo o designer responsável pelo projeto cênico, Flávio Lins, o trabalho seguiu algumas características que lembrassem o padrão Rede Globo, ao usar a cor azul, e que não deixasse de ser próprio da filial juizforana. Desta vez, não foi preciso seguir modelos tal qual o estabelecido para o MGTV, onde o tipo de bancada e de painéis posteriores aos apresentadores, por exemplo, são padronizados para todas as estações filiadas à emissora carioca.

A foto central que cobre parte dos fundos do cenário é noturna, urbana e contemporânea. Revela a Praça da Estação, sítio histórico, localizado no Centro de Juiz de Fora, onde se vê a Rua Halfeld, a mais conhecida da cidade, e, por esse trajeto, observa-se o Morro do Imperador, ponto turístico com mirante a mais de 900 metros de altitude. A escolha por um retrato que mostrasse um ícone antigo, segundo o designer, é para que chame atenção e que haja reconhecimento pelo telespectador que o programa é juizforano. Uma opção em contrário, se fosse por uma fotografia da Avenida Rio Branco, onde habitam edifícios, não daria uma identidade regional perceptível com facilidade, poderia ser confundida com o centro de outras cidades.

Com vários pontos estourados em branco espalhados pelo painel, simuladores de luzes de postes, as quais ofuscam placas, faixas comerciais e outdoors dos estabelecimentos presentes no campo visual da fotografia, esta ainda recebeu tratamento para ficar em tom azulado. Junto ao azul, nuances de vermelho e cores pastéis compõem o ambiente. O vermelho faz parte da parede atrás da apresentadora em grau mais claro para dar um toque feminino ao local, conforme Flávio, pois sabia que o posto seria da jornalista Christina Musse. As poltronas e o espaço da platéia são revestidos no todo ou parcialmente por tom pastel. O desenho delas é em linhas diagonais, “em modelo moderno que, com o notebook, contrastam com a foto de um local tradicional para balancear o cenário” (LINS, jan. 2007)



A necessidade de mudar a banca de co-entrevistadores veio logo com o primeiro programa. Os participantes sentiam desconforto perceptível pelo telespectador. Antes, a arquibancada do mesmo material de dois níveis não tinha forro. De acordo com Flávio, o móvel foi idealizado para abrigar uma platéia que se sentasse de maneira informal, ajeitando-se ao espaço. “Como na televisão, um objeto não pode ser retirado de cena de uma hora pra outra, a alteração foi gradual.” (LINS, jan. 2007)



O ambiente é composto por outros itens: uma bola oval de vidro transparente, uma caixa retangular de vidro azul posicionada ao lado de um notebook que inicialmente seria usado para que Christina respondesse e-mail das pessoas que a assistem; no entanto, a idéia não floresceu. Há um monitor de 33”, onde aparece a logomarca do programa, e, ocasionalmente, fotos e vídeos relacionados ao entrevistado.

O designer somou mais um projeto à produção: elaborou a abertura do programa que permanece a mesma até hoje. Ela tem como fundo a foto usada no cenário, que aos poucos vai se expandindo. Sobreposta à essa imagem, as palavras Panorama Entrevista atravessam o vídeo inclinadas, permeadas por fotos de pessoas que se tornaram entrevistadas e outras que ainda podem comparecer. Entre elas, há nomes de peso na mídia nacional como a cantora Ana Carolina, o ex-jogador de vôlei da seleção brasileira Giovane Gávio e o humorista Pedro Bismark e outras como o violinista Luís Otávio dos Santos e o ator e então diretor do Fórum da Cultura da UFJF, José Luiz Ribeiro,

O cenário precisa estar em sintonia com a capacidade técnica do estúdio no que se refere à iluminação e movimentação de câmeras para que não prejudique a captação de

ângulos e a visibilidade dos participantes e componentes do ambiente. Estudaremos agora o funcionamento desse sistema no Panorama Entrevista.

6.7 – CINEGRAFIA, ILUMINAÇÃO E SOM

As imagens são produzidas por dois cinegrafistas, José Marcos Reis e Oswaldo Neiva, que usam três câmeras. Uma delas fica na lateral do assento da platéia e se desloca sobre dois trilhos que permitem o acompanhamento paralelo em parte do cenário. A segunda fica na direção frontal do painel de fotografia. As duas possuem *teleprompter*, instrumento que mostra textos em uma tela conectada em frente á lente da câmera, permitindo à entrevistadora ler apresentação, chamadas, encerramento, etc. Os dois equipamentos captam imagens da apresentadora, entrevistado e da platéia, exceto a primeira que, deste item, visualiza apenas o perfil dos co-entrevistadores.

A última câmera é posicionada no canto direito da parte frontal do ambiente, fica sem cinegrafista e imóvel, durante o primeiro bloco do programa, sobre um tripé e em cima de caixotes de madeira de cerca de um metro de altura. Nas duas partes seguintes, sofre alguns ajustes para mostrar a platéia. Os profissionais mantêm contato com a equipe de VT por meio de ponto eletrônico.

A iluminação provém de lâmpadas quentes e frias. Há canhões de luz que repassam calor, amenizado por duas instalações de lâmpadas fluorescentes conectadas em uma caixa de vidro espelhada.

Se a iluminação e a captação de imagens aparentemente não tem que conviver com um problema persistente, a modulação de áudio precisa fazer ajustes para não deixar

transparecer os ruídos do sistema de ventilação do estúdio. Por mais baixo que pareça, o barulho, segundo o operador de som, Ramom William, pode interferir na qualidade.

A apresentadora e os entrevistados usam microfones de lapela, aqueles minúsculos que se encaixam na roupa da pessoa. A distribuição deles varia de acordo com a quantidade de entrevistadores e entrevistados. Existe ainda o do tipo unidirecional, de uso freqüente por repórteres. São incluídos no programa quando a quantidade de lapelas não é suficiente para todos os participantes de platéia. Um ou dois desses são disponibilizados para as três ou mais pessoas. Essa restrição ocasiona problemas quando um participante faz um comentário, mas o microfone não está à mão, logo, o telespectador não o ouve.

6.8 – CHAMADAS, AUDIÊNCIA E REPERCUSÃO

Em média, três chamadas do programa vão ar: uma, no sábado, entre 22h30 e 23h, no intervalo do programa Zorra Total; outra, no domingo, por volta de 21h45, no comercial do Fantástico, programa de grande audiência. O último despertar vem, na faixa de 23h30, na pausa do Sob Nova Direção ou Big Brother Brasil.

O Panorama já obteve audiência domiciliar de 23 pontos e participação de 61% entre os televisores que estavam ligados. Em agosto de 2006, alcançou menos de 20 pontos como pode ser inferido no ranking dos 30 programas mais assistidos em Juiz de Fora editado pela Rede Globo, no qual não aparece. O índice de audiência 20 é o do último programa da lista anexada a esta monografia. Não dispomos de dados mais recentes.

O presidente do Conselho de Administração das Organizações Panorama de Comunicação, Omar Peres, comemora os níveis alcançados pelo programa em entrevista ao portal i.panorama:

[...] E ficamos ainda mais contentes quando vemos que os programas feitos aqui dão um 'banho de audiência'. Refiro-me aos telejornais, ao Panorama Revista e ao nosso novo grande sucesso, que é o Panorama Entrevista, que acaba de completar um ano. (Omar Peres cria, dez. 2006)

Apesar de obter índices consideráveis de audiência, o Panorama não tem atraído investidores em comerciais ou um patrocinador. Hoje não há propaganda, exceto do restaurante Faisão Dourado que pertence ao dono da emissora. Nos primeiros meses, no entanto, houve anúncios pagos por outras empresas.

Explicações, em freqüentes discussões, de que um programa que obtém bons índices de audiência é porque consegue falar para seu público e, sendo assim, teria boa qualidade ainda não é convincente. Pierre Bourdieu critica a orientação da produção por esse tipo de indicador:

A televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor, supostamente livre e esclarecido, as pressões de mercado, que não tem nada de expressão democrática de uma opinião coletiva, esclarecida, racional, de uma razão política, como querem fazer crer os demagogos cínicos. (BOURDIEU, 1997, p. 96-97)

O programa é destacado também no portal i.panorama.com e no Jornal Panorama, os dois pertencentes à O.P.Com. Neste último, ocorre por meio de matérias veiculadas na editoria de cidade ou por nota em coluna política e social que falam, em resumo, como será a exibição do domingo. Duas matérias desse tipo estão anexadas neste trabalho.

Algumas declarações do entrevistado são antecipadas em notícias, como o comentário do ex-prefeito Tarcísio Delgado sobre o apoio de peemedebistas ao governo municipal hoje nas mãos do PTB, que saiu publicado na editoria de política do periódico um dia após a gravação. Wilson Cid foi um dos co-entrevistadores no programa com o ex-prefeito citado acima. Na entrevista concedida para este trabalho, logo após o término da gravação, ele explicou de que forma trabalharia a notícia:

Normalmente, a gente espera, por questão de ética, pelo menos, em relação a casa. Você pode até dar alguma coisa, mas o essencial procuramos deixar para o programa. Foi iniciativa deles, se não parece que estamos pegando carona na produção dos outros. Nós podemos dar algumas informações, mas sem afetar a essência do programa. (CID, dez.2006)

Quando a repercussão ocorreu depois que o programa foi veiculado, a maioria apareceu em citações na coluna de política de Wilson Cid. Espera-se que algumas alterações que se pretende fazer ocasionem novas visibilidades.

6.9 – MUDANÇAS

Recentemente, de acordo com a apresentadora, entre os co-entrevistadores têm estado pessoas ligadas à Comunicação, o que favorece, segundo ela, um melhor entrosamento com a equipe do programa. E, nessa tendência, foram abertas exceções para trazer pessoas de veículos concorrentes, como é o caso de um dos editores do jornal Tribuna de Minas Paulo César Magela que foi ao programa dedicado ao ex-prefeito Tarcísio Delgado.

Outras transformações ao longo da existência do projeto ocorreram no esquema entrevistador mais um ou dois entrevistados e a platéia formada por três ou quatro pessoas. As diferentes distribuições estão detalhadas no item 6.1 – O PROGRAMA.

E novidades devem surgir ainda nesse aspecto: o programa pretende alterar o funcionamento da platéia. Está em discussão a exclusão dos participantes no local. Eles poderiam emitir comentários e perguntas através de vídeos gravados. Outra vertente espera permanecer com os espectadores em número maior, de 15 a 20 pessoas, mas que, a princípio, não fariam perguntas.

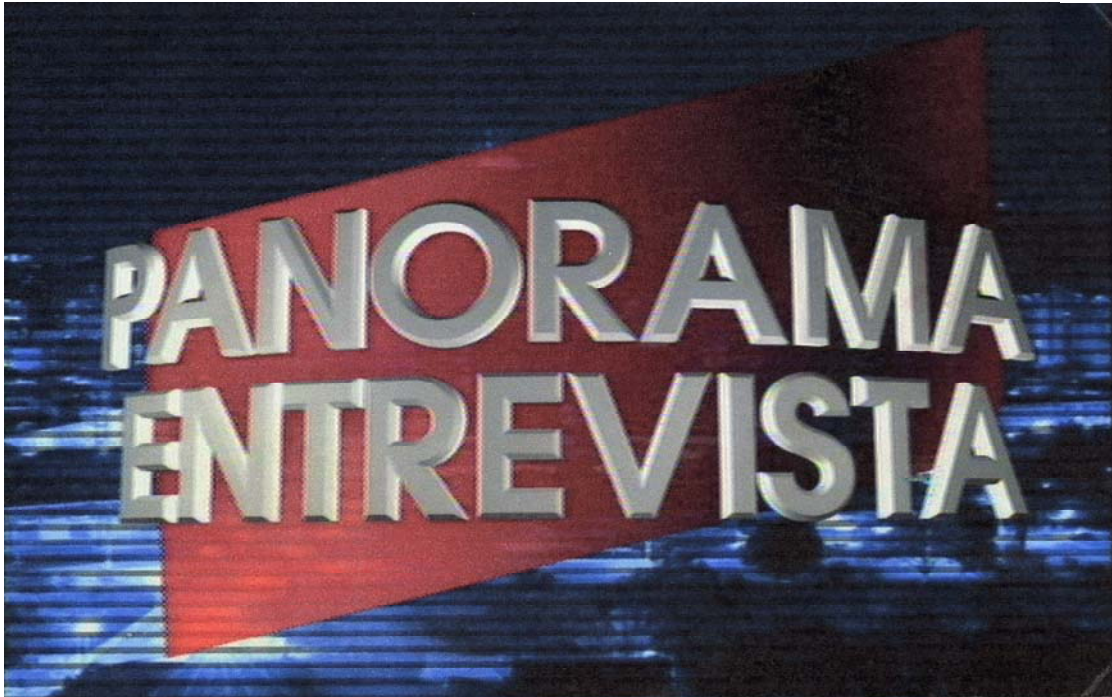
A apresentadora opina sobre as possíveis alterações.

É interessante ter uma platéia porque tem-se a opção de mostrar mais pessoas que estão sentadas. Daria mais alma ao programa. Uma produção que não ficaria só no estilo João Gilberto – banquinho e violão. Gosto desse modo intimista, mas para uma tv aberta, ter uma platéia que possa participar ou que apareçam os rostos ali e ter uma pergunta que é gravada e endereçada àquele entrevistado proporcionaria mais dinâmica. (MUSSE, jan. 2007)

Ainda com reduzidas possibilidades de serem executadas estão a troca de horário de exibição por um logo após o Fantástico e o aumento da duração desejados também por Musse.

No próximo capítulo, analisaremos trechos de alguns programas. Nessa seleção, reteremos mais a atenção para dois: o que teve a presença das cantoras gêmeas Célia e Celma e o Panorama Entrevista veiculado com os secretários de Estado de Minas Gerais Alberto Portugal, Custódio Mattos e Marcus Pestana.

5



Vermelho, azul e prata se repetem na logomarca e no cenário.

6



Painel de foto destaca pontos de fácil identificação com Juiz de Fora. Paredes pintadas em tonalidade vermelha sugere feminilidade ao ambiente, segundo designer responsável pelo cenário.

⁵⁻⁶ Imagens extraídas diretamente da transmissão do programa por TV de computador.

7 – ANÁLISE DE EDIÇÕES DO PANORAMA ENTREVISTA

7.1 – ESCOLHAS

Selecionamos para análise duas edições sobre cultura e política, temas tratados com mais frequência pelo Panorama Entrevista. Os programas foram observados in loco. Na razão um entrevistador para dois entrevistados, analisaremos a interação com as cantoras Célia e Celma. Na disposição em que o número de jornalistas é menor do que de convidados, optamos pela vez que participaram três secretários de Estado de Minas Gerais provenientes da Zona da Mata, Custódio Mattos (Desenvolvimento Social), Alberto Portugal (Ciência e Tecnologia) e Marcus Pestana (Saúde).

Além das duas edições acima, presenciamos as gravações dos dias 08/11/2006, que teve como atrações cantoras da noite juizforana Anna Terra, Lívia Lucas, Myllena e Josy Oliveira, e a de 07/01/2007, cujo entrevistado foi o ex-prefeito Tarcísio Delgado. Não optamos analisar a produção com as cantoras para não reincidir no tema central cultura, como é o das cantoras gêmeas. Por sua vez, a ocasião com o ex-prefeito foi excluída por não obtermos cópia em VHS ou em cd do programa.

7.2 – METODOLOGIA

Os pontos discutidos no decorrer deste trabalho confluem para averiguar se o Panorama Entrevista apresenta algumas características do modelo de programa fundamentado pelo método socrático do diálogo. Os referenciais se destinam também a reconhecer quais são as outras perspectivas que se somam para proporcionar um válido encontro de entrevista, como o uso de estratégias, percepções, escuta, informação.

Buscaremos identificar os seguintes aspectos nos programas:

- a busca pela verdade dialógica;
- o uso de síncri-se ou de parte dela;
- o uso de anácrise ou de uma amostra semelhante;
- se há forte imposição do discurso a ser debatido;
- em que medida o tempo da TV interfere no desenvolvimento da entrevista;
- técnicas de entrevista jornalística;
- escuta;
- motivação;
- se na edição há cortes que reduzam a clareza e a naturalidade do diálogo;
- se há censura;
- troca de informações, interação;

Ainda classificaremos as produções de acordo com:

- o objetivo da entrevista;
- as circunstâncias de realização;
- o ponto de vista do entrevistado;
- o ponto de vista do entrevistador/apresentador/programa.

7.3 – A ORIENTADORA É UMA DAS ANALISADAS

Apesar de a orientadora deste trabalho ser a entrevistadora do programa, ser foco, portanto de análise, mantivemos autonomia nas constatações. Ao comparar, elogiar, criticar ou manter-se indiferente a um aspecto do trabalho de Christina, na TV, fazemos sem o receio às reações que possivelmente possa apresentar. Discernimos, pelo menos a nível consciente, que a contribuição da orientadora ao propor visões, conhecimento, discutir assuntos não deve ser recompensada por percepções menos apuradas sobre falhas ou discordâncias sobre o programa. Acima de tudo, juntos conhecíamos os riscos de elaborar um estudo com falhas dada a aproximação entre o objeto e observador e nos propusemos a manter autocrítica para efetuar um estudo de comunicação que primasse pela qualidade científica.

7.4 – CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE AS GRAVAÇÕES FORAM ASSISTIDAS

Observamos os registros no mesmo ambiente onde eles foram realizados, ou seja, não havia obstáculos físicos entre o nosso posto e o cenário. Ficamos próximos cerca de um metro dele. A equipe do programa mostrou-se receptiva e não nos determinou restrições. Anotamos perguntas, pontos de possível interesse da recepção, entrevista, intervalo, interação com convidados e encerramento. Listamos alguns traços que correriam o risco de corte e detalhes técnicos que poderiam servir para esta análise ou para a descrição do programa como se percebe no capítulo anterior.

7.5 – ANÁLISE DA ENTREVISTA COM AS CANTORAS CÉLIA E CELMA

As cantoras Célia e Celma nasceram em Ubá, na Zona da Mata, e moram, há quinze anos, no estado de São Paulo. O último trabalho delas é um livro com 165 receitas, sendo quinze delas musicadas em um cd que o acompanha. São autoras de outras duas obras que tratam sobre cultura, culinária e folclore. O programa foi gravado no dia 30/11/2006 e exibido no dia 17/12/2006.

A platéia é formada pelo músico Miltoninho Batera; o violeiro, cantor e diretor da empresa de eventos PanShow, que pertence à Organização Panorama de Comunicação, Poti Castro; a coordenadora do grupo de contadores de histórias do colégio Granbery, Laura Delgado, e o violeiro Fabrício Condé.

Christina avisa que a participação deles inicia-se no segundo bloco. Às entrevistadas, explica que, no primeiro bloco, serão tratadas infância e história de vida. No segundo, culinária; e, no último, folclore e volta-se à culinária. A entrevistadora utilizou-se da técnica comentada por Sherwood, no capítulo 4, de dizer para o entrevistado qual é o objetivo da entrevista. No entanto, é necessária cautela para não restringir os assuntos de interesse, reduzindo a liberdade do discurso, conforme orientação de Machado inserida no capítulo 3.

Marcado para começar, às 14h, o registro atrasa uma hora e meia. Nesse intervalo, são discutidas formas de começá-lo com a canção *Riacho Fundo* sendo cantada pelas cantoras. O músico Miltoninho é quem sugere a abertura diferente, leva-se tempo para ficar da maneira que idealiza e ajustar os períodos de entrada e saída da música com a fala inicial de Musse e das cantoras. A gravação de cenas de corte⁷ também se alonga. Nota-se certa impaciência por causa das indefinições e atraso nos convidados, entrevistadora e equipe

⁷ Imagens que são inseridas nas chamadas do programa.

técnica . Enfim o programa começa a ser gravado para alívio de todos. Os trabalhos terminam por volta de 16h45.

As convidadas são fortes atrações para um programa de TV: gêmeas, sabem trava-línguas, falam de trás pra frente, cantam e tocam. Os requisitos que apresentam continuam: escreveram três livros, cantam receitas culinárias, apareceram vestidas com roupas e óculos com figuras de maçãs e ainda cantam em japonês. Há mais: cruzaram o Brasil com Emílio Santiago e Cauby Peixoto, são apresentadoras de TV, participaram de novelas, filmes e humorísticos. Aos poucos, cada uma das facetas das entrevistadas são apresentadas nos três blocos do programa. Célia e Celma têm um currículo extenso que, se trabalhado pela TV com o intuito de obter audiência a qualquer custo, por meio do entretenimento, consegue despertar bastantes telespectadores pela surpresa de ver coelhos saírem da cartola.

Com esse potencial, qual seria a diferença entre o Panorama Entrevista desta edição e um programa de auditório que, hipoteticamente, recebesse a presença delas para explorar esses pontos e, ao mesmo tempo, não deixasse de perguntar sobre a trajetória artística delas? O Panorama, nesta vez, conjuga dois campos que são em certos instantes auxiliares; noutros, conflitantes: jornalismo e entretenimento. Percebe-se que o divisor possa estar na intensidade com que as super habilidades são exploradas. E as cantoras estão no estúdio juizforano por mais razões. Uma delas é discorrer sobre alguns assuntos que possivelmente não seriam abordados, por tanto tempo, no decorrer de um programa de auditório: a importância do regionalismo, localismo, infância, folclore. Esses temas percorrem o programa, fundamentam, assim, as apresentações. O programa, nesta ocasião, demonstra interesse pelo inusitado, divertido, exótico e navega na busca de conhecer o que levou aquelas pessoas a trabalharem assim.

Encontrada a diferença com um programa de auditório, nota-se, porém, que não há aprofundamento de questões. Mas, mesmo assim, melhor do que em uma produção

daquele tipo, porque um contraponto é operado em alguns instantes, o que é um caminho para se lidar com a verdade dialógica de Sócrates. Trabalha-se, em parte do tempo, com a oposição *regional x cosmopolita*: suas contribuições, diferenças, perdas para os dias atuais. A contradição é mostrada por Celma ao afirmar que os tempos em que ela e sua irmã passaram em Tóquio foram divisores de água. Saíram do interior, da vida que contam ter sido moldada por tradições folclóricas e chegam em uma das maiores metrópoles do mundo. O distanciamento, no entanto, é reduzido porque trabalharam lá com canções brasileiras.

Elas são também questionadas, de uma forma sutil, tanto pelos co-entrevistadores quanto pela entrevistadora. O músico Milton Batera quis saber por que foram para São Paulo, uma vez que as cantoras valorizam o regionalismo e o local de infância, Ubá. O motivo foi a aceitação da proposta de cantarem em uma rede hoteleira. Em outro momento, Christina perguntou se elas cozinhavam. Ouviu uma afirmativa. Subentende-se que, ao saber elaborar pratos, há mais credibilidade para cantarem receitas, denotam mais originalidade. A declaração delas de saírem em folias de reis afasta ainda mais a percepção de que Célia e Celma encarnam meros personagens.

No primeiro bloco, Christina perde o ponto eletrônico. Ele cai e as imagens mostram que ela tenta encaixá-lo. Há certa tensão aí, por demonstrar sentir que o controle do tempo ficaria a seu cargo também e não haveria interferências positivas ou não para o livre funcionamento da entrevista pela editora-chefe. No sexto minuto do programa, percebe-se que há problemas na comunicação eletrônica. Corre-se o risco de deixar de prestar atenção na fala da entrevistada para conectar o aparelhinho. Ela mexe algumas vezes por poucos instantes, faz a pergunta, e depois se entrega à resposta que conta um caso da brincadeira de falar de trás pra frente. Musse pergunta sobre as roupas, tenta novamente consertar o deslocamento do ponto durante parte da resposta. Desiste e vai assim até o fim do bloco. Aos 9min 35seg chama o intervalo, encerrando dentro do prazo.

A conversa prossegue em tom coloquial. A entrevistadora e os co-entrevistadores vão aos poucos descobrindo as cantoras e ficam admirados pela variedade de ações que elas empreenderam. Discute-se o contraponto, e é possível que o interesse em conhecer a tradição e o folclore que retratam tenha sido despertado no telespectador.

Alguns aspectos contribuíram para apresentar naturalidade à conversa. Christina pergunta sobre uma antiga investida musical da dupla, suspeitando que fosse da década de 60 e no estilo da jovem guarda. Célia e Celma corrigem para anos 70 e ao modo do grupo Turma da Pesada. O erro não foi considerado pela edição um ponto prejudicial à imagem perfeita de uma entrevistadora que se espera que uma TV “deva” passar. A espontaneidade continua na resposta e elas cantam até um trecho de uma canção a capela que fez sucesso pela Turma. A espontaneidade na resposta e na execução da música se aproxima da proposta de Arlindo Machado, tratada no capítulo anterior, de que o programa gravado conserve características da TV ao vivo.

Por outro lado, houve situações que transmitiram a impressão de que não se sabia quais eram algumas canções que seriam tocadas. O caso mais expressivo é o de *Bolinho de Chuva*. Desde o início do programa e no decorrer dos intervalos, estava definido que ela seria executada no bloco que tratasse do livro de receitas com cd. Porém, Musse, na hora, mostrou desconhecimento, reforçado por Célia, conforme abaixo:

[...]

Christina:

- O que que vocês vão cantar pra gente aqui e dar essa receita pro pessoal ver como é que é?

Célia:

- Nós pensamos num rasqueadinho, né? (Virando-se para Celma) É o bolinho de chuva [...] (PANORAMA, 10/12/2006, 30`30”)

Retorna-se para o trabalho de edição que não cortou a fala das entrevistadas sobre o programa que apresentam no canal Rural. E ainda mais, Fabrício Condé introduziu uma pergunta agradecendo pela visibilidade do trabalho dele por ter participado da produção delas. A questão em si do violeiro é que ela contém mais sobre a produção, e elas detalham-na. A opção denota aparentemente um posicionamento diferente ao que acontece em outras emissoras que normalmente não permitem uma descrição longa sobre um concorrente. Caso semelhante ocorreu no dia em que recebeu quatro cantoras da noite juizforana. Uma delas, Myllena, cita o carro-chefe da casa, o MGTV, como exemplo na explicação de as músicas dela serem todas de amor. “Porque se alguém quisesse ouvir qualquer outra coisa em música, estava assistindo MGTV e não estava ouvindo música. [...] Não consigo falar de outra coisa.” (PANORAMA, 03/12/2006, 30`20”)

Ao fazer a segunda pergunta do programa, a entrevistadora embute duas circunstâncias numa só questão. Ela quis saber o que a infância tinha marcado na trajetória de vida da dupla, de profissão (1) e de amores ... Uma das recomendações sugeridas, no capítulo de técnicas de entrevista, é optar por um foco a cada fala, para obter respostas mais detalhadas e permitir ao interlocutor lembrar-se dos pontos com mais facilidade. Para a questão de Christina, todavia, compreende-se que ela buscou especificar o objeto de interesse, com o receio de que as irmãs se embaraçassem com um tema amplo (vida).

7.5.1 - Classificação da entrevista, entrevistado e entrevistador

Com fundamento nos estudos de Mário Erbolato (1991, p.159), classificamos a entrevista em análise considerando os aspectos que são predominantes de acordo com as seguintes formas:

- Como geradora de matéria jornalística: caracterizada.
- Quanto aos entrevistados: de grupo.
- Quanto aos entrevistadores: pessoal – apesar de participarem dois jornalistas, o encontro tende mais para a entrevista exclusiva do que a coletiva.
- Quanto ao conteúdo: informativa, ilustrativa e biográfica.

Com base na classificação de Nilson Lage (2001, p.74-75) da entrevista por seu objetivo, o encontro com Célia e Celma é principalmente testemunhal. Quanto às circunstâncias de realização (LAGE, 2001, p.75-77), é dialogal.

Em referência a Cárilda Emerim (in DUARTE e CASTRO, 2006, p.170), do ponto de vista do entrevistado, o encontro tem o objetivo de:

- transmissão de informações por parte do entrevistado;
- autopromoção do entrevistado;
- proposição de compartilhamento: em que convoca os interlocutores a dividir experiências, sentimentos.

Do ponto de vista do programa/apresentador/entrevistador (EMERIM in DUARTE e CASTRO, 2006, p. 171-173):

- conferência de tom à emissão: equilibrar leveza, gravidade, dramaticidade e sensacionalismo;
- agregação de informação à emissão;
- apelo pelo engajamento emocional do telespectador.

7.6 – ANÁLISE DA ENTREVISTA COM SECRETÁRIOS DE ESTADO DE MINAS GERAIS

Os secretários com atuação política, na Zona da Mata, que vão compor a equipe do segundo mandato do governador Aécio Neves dão entrevista em conjunto pela primeira vez a um veículo de comunicação. Há muito tempo que a região não exportava tantos representantes para as pastas. O deputado estadual eleito em 2006 Marcus Pestana retoma a direção da Secretaria da Saúde, que ocupou no primeiro mandato de Aécio. O deputado federal reeleito Custódio Mattos torna-se secretário de Desenvolvimento Social e o ex-secretário adjunto de Agropecuária, Alberto Portugal, ocupa o posto hierárquico mais alto da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Para formar dupla com Christina Musse, foi convidado o jornalista Ricardo Ribeiro, que trabalha para a mesma emissora, no telejornalismo do MGTV. Sua participação mais recente no Panorama foi como espectador participante na entrevista com o último ex-prefeito de Juiz de Fora, Tarcísio Delgado.

O programa foi gravado no dia 6/01/2007 e exibido no dia 14/01/2007. Esta versão tem a duração de 45 minutos, quinze a mais do que o normal. Os entrevistados chegam no estúdio às 15h. O primeiro bloco inicia-se às 15h30min. Uma hora após, a gravação está

encerrada. Todos os participantes usam microfone de lapela, e Christina e Ribeiro utilizam ponto eletrônico.

Antes de iniciar a filmagem, a apresentadora explica a distribuição dos blocos e os assuntos a serem abordados em cada um deles. Afirma que o programa tem audiência e que 45 minutos é um tempo bom para televisão. Independente desse acréscimo, a produção permanece fixada ao cronômetro. Entretanto, obviamente a extensão das respostas e a quantidade de perguntas aumenta. Não há cortes de conteúdo na edição nem censura a uma resposta “inadequada” dos participantes.

Mais adiante, face a um pouco de silêncio e expressões sérias dos convidados já posicionados na arquibancada, sugere um pouco de descontração. “Tem que ter informação, mas não tem que ser duro”, afirma. Um dos motivos para ter afirmado é que se aproximava a hora de cenas de corte para serem exibidas nas chamadas do Panorama durante a programação da emissora, pois uma expressão facial muito séria não se enquadraria adequadamente.

O encontro desperta no telespectador a curiosidade de saber quais são os planos dos representantes oriundos da região. Há chances de a localidade apresentar melhorias com esse grupo no poder? Como homens daqui se tornaram importantes? O encontro se destaca por reunir as áreas de desenvolvimentos social, tecnológica e de saúde, três ramos que estão entre as cinco primeiras prioridades no segundo governo Aécio Neves. Portanto, o interesse desta versão do Panorama não é saber a história de vida de cada um, o foco são os setores que coordenarão. O motivo para o convite é factual, uma razão que tem se tornado tendência ultimamente, conforme observação da entrevistadora. (MUSSE, jan. 2007)

Mais uma vez a entrevista se aproxima das condições do ao vivo. E ainda mais porque todas as perguntas indispensáveis que fossem reveladas somente na hora em que fossem feitas só foram conhecidos em seus instantes adequados. No programa com Célia e Celma, parte das seqüências da conversa foi descrita. A diferença de tratamento, de acordo

com Christina (MUSSE, jan. 2007), é que na entrevista política é natural não se mostrar o teor das questões, porque um político trata de assuntos mais polêmicos e são mais defensivos em comparação a uma pessoa ligada à cultura e ainda mais que trabalhe em TV em referência às gêmeas.

Há espaço para debate, busca pela verdade e de questionamento do discurso oficial durante vários episódios. Por exemplo, Ricardo Ribeiro quis saber por que a Casa de Caridade Leopoldinense, que atende Leopoldina e entorno, passa por crise. Pestana responde que é sub-financiamento público e má gestão por conta do hospital. Não constatamos *anacrás* nem método semelhante. Percebe-se que os entrevistados passam uma imagem idealizada do governador.

De acordo com as estratégias e procedimentos discutidos, no capítulo 4, notamos adequadas perguntas específicas, interrupções, motivação e encadeamento de questões. Os jornalistas focaram questões sobre ações de aproveitamento da produção de universidades federais para o estado, planos para a saúde do idoso, educação a distância em regiões pouco avançadas, etc, não se limitando a assuntos muito generalistas. Christina interpela a fala de Custódio pedindo-o que diga quais seriam os nomes dos projetos que ele terminara de citar a existência. A dupla de entrevistadores mostra interesse na entrevista, conseguem motivação, percebida inclusive por não haver divagação expressiva nas respostas e, por um lado, existirem explanações mais longas. Encadeiam a resposta de Pestana de que a saúde é um assunto de grande importância para questionarem como reverter o quadro para ela deixar de ser a maior necessidade da população mineira. Mas, próximo ao final da resposta dada pelo secretário a essa nova questão, não aproveitam um gancho para uma terceira indagação. Segue-se parte da fala:

[...] O governo tem que ir ao encontro da opinião da sociedade. **A saúde vai atravessar um momento difícil durante os próximos quatro anos. Mas isso não deve nos abater. Pelo contrário, nós temos que revigorar as energias e encarar**

isso, porque, realmente, não há nada que tumultua mais a vida de uma comunidade, de uma família, do que um problema grave de saúde e você não conseguir canalizar, achar resposta.[...] (PANORAMA, 14/01/2007, 10`) [negrito nosso]

Pelo modo que Pestana afirma, compreende-se que o governo mineiro prevê dificuldades mais graves ou iguais às que a Saúde passa atualmente. Seria útil discutir, na seqüência, quais seriam esses obstáculos, os planos de ação que têm chances reais de sobrevivência e por que a extensão do problema por toda o segundo mandato.

O último bloco desvia-se das secretarias e trata de aspectos variados da política: do futuro do secretário da Saúde, em 2010, se será ministro, caso Aécio Neves candidate-se e ganhe a presidência. Há a opinião de Custódio Mattos sobre a administração municipal atual a qual perdeu para Alberto Bejani, nas eleições de 2004, a chance de coordená-la. Há ainda a análise dele, suscitada por Musse, sobre a conjuntura política.

7.6.1 - Classificação da entrevista, entrevistado e entrevistador:

Utilizamos para esta segunda classificação os mesmos fundamentos aplicados no diagnóstico da entrevista com as cantoras Célia e Celma.

- Como geradora de matéria jornalística: caracterizada.
- Quanto aos entrevistados: de grupo
- Quanto aos entrevistadores: pessoal – apesar de participarem dois jornalistas, o encontro tende mais para a entrevista exclusiva do que coletiva.
- Quanto ao conteúdo: informativa.

- Objetivo do encontro: mescla o ritual, por haver certa previsibilidade, e testemunhal.
- Circunstâncias de realização: dialogal.

Sob o ponto de vista do entrevistado:

- projeção de acontecimentos: no sentido de saberem planos, conseqüências;
- confirmação oficial dos fatos: na entrevista ao Panorama Entrevista, não confirmam fatos mas expõem novos de modo oficial;
- transmissão de informações por parte do entrevistado;
- autopromoção do entrevistado.

Sob o ponto de vista do programa/apresentador/entrevistador:

- agregação de informação à emissão;
- conferência de credibilidade às informações veiculadas;
- conferência de relevância à emissão;
- projeção de conseqüências;
- convocação da voz de especialista e/ou autoridade.

8 – CONCLUSÃO

Percebemos que o método socrático de diálogo, a atenção a procedimentos numa conversa e a aplicação de estratégias para uma entrevista auxiliam a construção de encontros bilaterais entre entrevistador e entrevistado, com propósitos de busca da verdade, escuta e interação com o outro. A implementação e aprimoramento na TV brasileira e juizforana depende da ousadia de seus integrantes para dar vazão ao retorno da oralidade, liberar-se das amarras do cronômetro, condicionantes de discurso e espetacularização. O veículo pode conseguir com a melhoria das entrevistas a redução de estigmas de que é um meio de comunicação de massa de pouco valor e utilidade. E, como consequência, oferecer ao telespectador diálogos construtivos, discussão de idéias, proposição de uma maiêutica.

Concluimos que a produção local não se utiliza de todos os meios propostos por Sócrates. A conquista parcial explica-se pela limitação de tempo, adequações ao padrão industrial de televisão e porque a entrevista no programa nem sempre objetiva aprofundar os assuntos abordados. Porém, instiga contrapontos, busca a verdade, o conhecimento do outro e mantém um diálogo aberto com os interlocutores. Em certas ocasiões, consegue revelar e trazer à tona momentos únicos do entrevistado que normalmente não seriam externados diante das câmeras.

Parte desse efeito é conseguida pela habilidade dos integrantes e pela execução de técnicas de entrevista, como a escuta atenciosa, curiosidade, conhecimento sobre o entrevistado, motivação e improviso. Consideramos, assim, que o estudo dessas estratégias proporciona melhor conhecimento sobre a entrevista, ao mostrar como é o funcionamento de cada parte desse tipo de diálogo, os cuidados necessários, os mecanismos de formulação de perguntas e outros processos.

O encontro demonstra também momentos de conversa coloquial em que se percebe o entrevistado à vontade mesmo diante das câmeras. E a entrevistadora, Christina Musse, não se posiciona de forma a ser vista como a mais importante do programa, o que é um fator importante para a entrevista. A localização no cenário, no entanto, poderia auxiliar no sentido contrário, pois ela está posicionada em uma plataforma quinze centímetros mais alta do que o piso em que fica a poltrona do entrevistado. O destaque para Musse é reduzido pela atenção despertada para o painel fotográfico instalado logo atrás da poltrona do convidado.

Outro ponto positivo observado é a abertura que é dada para mais pessoas participarem da entrevista como entrevistadores. Dessa forma, outros pontos de vista podem ser abordados sobre o assunto, há mais liberdade de expressão.

Quanto ao formato de programa, percebemos que o Panorama Entrevista, nas duas edições analisadas, em uma aproxima-se do tipo *talk show* e noutra a uma produção tipicamente de entrevista. Na primeira, com as cantoras Célia e Celma, aproxima-se da produção com mais variedade pois há apresentação de música e humor, mas sem deixar de abordar assuntos como história de vida das convidadas, localismo e folclore. Na segunda, com a participação de três secretários de Estado de Minas Gerais, centra-se no esquema pergunta-resposta.

Ao final, verificamos que ampliamos e modificamos nossos conceitos sobre a entrevista, sua contribuição, partes, estratégias, a oportunidade que traz em buscar a verdade e conhecer o outro. Compreendemos melhor as vantagens e as restrições da entrevista na TV, surpreendendo-nos com a potencialidade que esse veículo possui em poder realizar diálogos construtivos, bilaterais. Igualmente, o valor deste estudo esteve em dirigir o olhar para a produção local, do Panorama Entrevista, analisando o que acontece em nossa proximidade e contexto sócio-econômico, cultural e político.

9 – REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Lúcia. A Tradição oral da TV. In: DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria (org.) **Televisão** – entre o mercado e academia. São Paulo: Sabina, 2006. p.177-179

BARROS, Gilda Naécia Maciel. Sócrates - Raízes Gnosiológicas do Problema do Ensino. In: **MAIÊUTICA**. Disponível em < <http://vicenteoficina.blogspot.com/2006/11/maiutica.html>> Acessado em 26. out. 2006

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Tradução de Desidério Murcho. São Paulo: 1997.

BOURDIEU, PIERRE. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRINATI, Francisco; GAIO, Regina. Entrevista concedida em nov.2006 para esta monografia. Entrevistador: Raul Mourão Ruela.

CAMPOS, Pedro Celso. **Técnicas de entrevista**. Disponível em <<http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/Tecnicas%20de%20Entrevista.htm>>. Acesso em 20.set.2006

CANAL LIVRE. Disponível em < <http://www.band.com.br/canallivre/sobre.asp?ID=24>> Acesso em 27.dez.2006

CID, Wilson. Entrevista concedida em dez. 2006 para esta monografia. Entrevistador: Raul Mourão Ruela.

COBERTURA FILIAIS. Disponível em http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_emissora.php?pexib=JF&puf=MG Acesso em: 02.dez.2006

CONEXÃO ROBERTO D'ÁVILA. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/conexaorobertodavila/>> Acesso em 27.dez.2006.

DUARTE, Elizabeth. Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos. In: _____; CASTRO, Maria (org.) **Televisão** – entre o mercado e academia. São Paulo: Sabina, 2006. p.19-35

EMERIM, Cárilda. Informação televisiva: entrevista. In: DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria (org.) **Televisão** – entre o mercado e academia. São Paulo: Sabina, 2006. p.157-176

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA. Disponível em <<http://www.microfone.jor.br/historiadaTV.htm>> Acessado em 03.out.2006

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: 2001.

LIMA, Fernando Barbosa; PRIOLLI, Gabriel; MACHADO, Arlindo. **Televisão e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LINS, Flávio. Entrevista concedida em jan. 2007 para esta monografia. Entrevistador: Raul Mourão Ruela.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. 4.ed. São Paulo: Senac, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998

MARÍLIA GABRIELA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mar%C3%ADlia_Gabriela> Acesso em 29.nov.2006

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MUSSE, Christina Ferraz. Entrevista concedida em jan. 2007 para esta monografia. Entrevistador: Raul Mourão Ruela.

NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Publifolha, 1996, v. 2

PERFIL AUDIÊNCIA. Disponível em <http://comercial.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_estado.php?puf=MG> Acesso em 02.dez.2006

RANKING DOS 30. Disponível em <http://comercial.redeglobal.com.br/atlas2004/ranking30_detalhe.php?nome_arquivo=JF.csv&pexib=JF> Acesso em: 02. dez. 2006.
segundo.ig.com.br/artigos/da130320024.htm> Acessado em 20.out.2004

SHERWOOD, Hugh C. **A Entrevista Jornalística**. São Paulo: Mosaico, 1981.

TRAMONTINA, Carlos. Entrevista. In: CAMPOS, Pedro Celso. **Técnicas de entrevista**. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da130320024.htm>> Acessado em 20.out.2004

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA COM A APRESENTADORA CHRISTINA MUSSE

Entrevista concedida para esta monografia em 5 de janeiro de 2007.

Entrevistador: Raul Mourão Ruela

Christina Ferraz Musse é jornalista, apresentadora do programa de TV Panorama Entrevista, o qual é um dos objetos de análise deste trabalho de conclusão de curso.

Raul Mourão: Quais os cuidados que devem ser tomados para manter o controle da entrevista?

Christina Musse: É difícil manter o controle da entrevista num programa que você tenha mais de uma pessoa entrevistando ao seu lado. Se você for a única entrevistada, você tem mais domínio sobre o programa, logicamente, porque com o tempo restrito que você tem, você faz uma pauta sobre o que é importante perguntar e pergunta. Quando você tem outras pessoas “que vão te ajudar a entrevistar” que, nem sempre, ajudam, sem querer, atrapalham. Fazem uma pergunta, por não serem jornalistas, que não tem nada a ver como o contexto que está sendo discutido. Às vezes, esses convidados que ajudam a fazer entrevista, em alguns momentos, dificultam o andamento do programa porque desviam o assunto para fatos que, às vezes, jornalisticamente não são relevantes e, por mais que você converse com eles, é preciso dar liberdade para que eles perguntem. Então, fica uma coisa complicada. Manter o controle numa entrevista é muito difícil, quando você tem que dividir a tarefa com outras pessoas, mesmo que você faça uma pauta prévia que nem sempre a gente tem (agora que o pessoal está procurando, além de uma pesquisa, mandar uma pergunta, uma sugestão). Mesmo que você tenha essas perguntas, nem sempre, na hora da entrevista, elas cabem, porque o entrevistado, às vezes, encaminha a entrevista para outro lado. Faz uma revelação que torna-a

mais interessante do que aquilo que você já sabia. Então, esse domínio é difícil. Há entrevistados que falam muito pouco, há os que falam demais, outros camuflados, aqueles que são pouquíssimos claros . . . Então, dependendo da pessoa, você consegue ter uma sintonia. Eu acho que o bacana não é quando você tem controle, mas quando você entra numa harmonia do diálogo. Nem você controla, nem ele te controla, porque é um jogo.

Raul: Há o controle do tempo.

Christina: Tem o controle do tempo, que já é uma imposição muito séria em televisão. Hoje mesmo, estava na rua e um funcionário público da Prefeitura veio me abordar dizendo que achou muito pouco o tempo dedicado à entrevista com o Tarcísio [ex-prefeito de Juiz de Fora Tarcísio Delgado]. Mas é o tempo de tv. Esse programa tem três blocos de dez minutos. É tempo de tv aberta, vamos deixar claro, porque o tempo de televisão fechada ou pública, geralmente, você tem mais para entrevista. Na tv aberta, comercial, geralmente você tem muito pouco tempo para esse formato que se faz hoje. Eu até já não acho que seja pouco tempo, porque a relação com o tempo é a seguinte: quando você está gostando do que está sendo falado, você acha pouco; se aquilo está entediante, chato, você acha que está se arrastando, que é muito.

Houve entrevistas com uma sintonia, em que se afloram algumas intimidades, emoções. Com a Regina Bertoli do grupo de teatro Ponto de Partida, com o artista plástico Décio Bracher por exemplo. Ele é muito expressivo e questionou decisões próprias: “Fiz bem morar em Ouro Preto, sair de Juiz de Fora ou não?”. A relação dele com a cidade [Juiz de Fora] é muito íntima, muito visceral. Então, o entrevistado esquece das amarras de estar se expondo na televisão e fala sobre as dúvidas, intimidades, fraquezas. Quando perguntei à Cristina Mansur sobre a morte do filho dela em acidente de carro e ela chora, começa a contar todos os últimos momentos com o filho, é muita emoção! Acho que entrevista é isso! Quando o entrevistado se

despe das amarras dele, sente-se nos olhos quando a pessoa está emocionada, está engasgada. Isso é bacana, são grandes entrevistas para mim.

Raul: Como você realiza a pesquisa para a entrevista?

Christina: Tenho um produtor, o Francisco (Chico) Brinati que faz uma pesquisa e envia para mim com dados do entrevistado, algum artigo que saiu sobre ele, alguma dica de site. Fora isso, muitas vezes, vou ao próprio Google e pesquiso alguma coisa a mais do que o Chiquinho enviou. E, dependendo do assunto, também procuro conversar com a pessoa antes. Por exemplo, com a Raquel Salgado. Quando estava definida a entrevista com ela sobre mercado de exportação de acessórios, bijuterias, eu fui, na semana, na loja dela. Conversei com ela, fiz quase uma pré-entrevista, porque não tinha material público sobre ela que o Chiquinho pudesse pesquisar na internet ou em um livro. Então eu mesma fui lá. Noutras ocasiões, procuro conversar com alguém que conheça aquele personagem para me dizer alguma coisa obscura ou ler algum livro que eu tenha sobre tal personagem. Por exemplo, quando entrevistei o Iacir e o Edimilson, que são dois poetas da cidade, eu tinha vários livros deles de poemas. Então reli-os, além de pegar o material que o Chiquinho mandou. Quando fui entrevistar o Tarcísio, eu tinha dois livros dele, além de conhecê-lo há bastante tempo. Um deles é bem autobiográfico, peguei e reli-o. Agora vai ter uma entrevista com o técnico do Tupi, o Tita. Um dos possíveis entrevistados é o Ailton [jornalista do jornal Tribuna de Minas] que já escreveu um livro sobre o Tupi. Tenho esse livro, vou lê-lo.

Raul: Você elabora parte do roteiro.

Christina: Normalmente elaboro. Quando o entrevistado é mais complicado, faço um resumo, uma pequena resenha das informações que o Chiquinho me passa com as que consegui. Fixo as informações, principalmente, as datas: “Foi deputado estadual no período

tal; federal no período tal e depois foi isso, foi aquilo ...” Tento fazer uma cronologia daquele personagem e ver também se tem alguma coisa escrita sobre ele, que pode até ser citado na hora: “ O autor tal falou isso. O senhor concorda ou discorda?”, para não ficar uma pergunta muita seca, fria. Procuro enriquecer perguntas que até possam ter uma dose de poesia, mostrar que também obtenho informações sobre aqueles assuntos. Acho interessante, dependendo do entrevistado, buscar outros tipos de informações e enriquecer as perguntas. Muitas vezes fico pensando: “È importante que eu pergunte isso.” Faço uma organização mental, mas nem sempre é a que o diretor de jornalismo, Roberto, a editora, Regina, e o produtor, Chiquinho, pensam. Eles mudam também um pouco aquilo que eu tinha pensado.

Raul: Como foi o convite para você trabalhar no Panorama Entrevista?

Christina: Foi por volta de 2004. O Omar [Omar Peres - então presidente da O.P.Com; hoje, presidente do Conselho de Administração da mesma empresa] tinha a idéia de fazer um programa de entrevista para abordar alguns temas com profundidade. Na época, a Ana Viana, que era a antiga editora de jornalismo, perguntou-me se eu tinha interesse. Respondi que tinha. Até fizemos dois pilotos do programa com um médico, amigo, o Márcio Itaborahiy. Ele escreveu um livro sobre a música em Juiz de Fora nos anos 70. Gravamos eu, ele e mais duas pessoas como platéia que participava da entrevista. Isso foi enviado para Rio de Janeiro junto com um projeto escrito simples com duas versões gravadas, no cenário do MGTV, com direção do Cristiano Rodrigues, professor da Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Eles fizeram algumas recomendações em termos para ter mais agilidade, de acordo com o que a Ana falou. Ela ficou pesquisando e pediu ajuda ao Fernando Barbosa Lima [pesquisador de Comunicação] que deu a idéia de que fosse feito um programa exclusivamente sobre mineiros. Mas o Omar convidou-me para fazer um programa tipo *talk show*. Ele até gostaria que tivesse uma platéia. Não seria um programa tanto de assuntos factuais. Mas, desde as

últimas eleições, está mais ligado ao factual, está mais objetivo e menos história de vida. Ele está sofrendo umas mudanças, talvez, por interferência do diretor de jornalismo. Uma interferência que pode ser positiva porque o programa está se repensando. Está também com a tendência de chamar pessoas que tenham alguma formação na área de Comunicação que entendem melhor o processo de um programa. Houve ainda a idéia de chamar profissionais de outros veículos de comunicação concorrentes, como o Paulo César Magela, o Ivan Elias. São pequenas mudanças que podem aprimorar o programa. Mas observo que ele tem mudado de perfil, deixando um pouco de lado a linha de história de vida, de trabalhar muito a memória, que não estaria necessariamente ligado ao factual, notícia, que não foi a idéia inicial do programa, o qual está se transformando numa outra coisa.

Raul: E há um tipo de entrevista que você se sente mais à vontade? Você falou, certa vez, que seria sobre cultura.

Christina: É cultura e comportamento – são as áreas que me sinto mais à vontade, são temas que estudei por mais tempo, minhas teses de mestrado e doutorado são relacionadas a isso. Durante toda a minha vida foram temas ligadas ao meu coração, são áreas que domino bem. Às vezes, fico preocupada de não estar à altura do entrevistado, como o Zuenir Ventura, jornalista, autor de livro, e o Afonso Romano de Santanna, um poeta, cronista, autor que admiro. Sinto receio de não estar à altura deles, mas muito à vontade. E assim é em entrevistar diretores de teatro, músicos, apesar de eu não ter formação teórica em música. Já a política acho-a complicada, pois você tem que estar muito atualizado. Para fazer uma entrevista de política, você tem que conhecer bem. Fiz muitas matérias de políticas quando repórter, mas mais superficiais, embora leia sobre política como todo cidadão, não me sinto dominando-a. E esporte, depende. Futebol, como todo brasileiro, sei um pouco. Mas não sei detalhes, não

relembro partidas, nomes de jogadores. Para entrevistar uma pessoa ligada a esse jogo, sinto-me um pouco insegura, como vai ser agora com o técnico do Tupi, Tita.

Raul: Dos entrevistados de política, com qual (is) você se sentiu mais distante?

Christina: A de que eu mais gostei por incrível que pareça e do resultado foi a com o Bejani [Alberto Bejani (PTB), prefeito de Juiz de Fora]. Conheço muito a figura, o personagem do Bejani. Então, teria muitas perguntas para fazer. Preparei-me mentalmente, quase que fazendo uma reflexão, pensando sobre aquilo, pois acho-o uma pessoa muito polêmica, com a qual não tenho uma relação afetiva, amistosa, como eu tenho com outros políticos como o próprio Tarcísio, com o Alberto Portugal (que na verdade não é político, mas um técnico que ocupa um cargo na administração estadual) com o Marcus Pestana (PSDB) e Custódio Mattos (PSDB). Com o Bejani não tenho. Tenho uma postura crítica em relação aos dois governos dele. Então foi uma entrevista para a qual me preparei com mais cuidado. Resgatei da minha cabeça episódios que achava interessante. Acho que foi uma boa entrevista. Tal como a com o Ministro das Comunicações, Hélio Costa. Só que nesta exploramos mais o lado técnico, por causa da TV digital e não muito o lado político. Outra foi com o presidente da Cemig, Djalma Moraes, que ocupa um cargo público importante, mas também voltada mais para a parte técnica: sobre as questões do consumidor - tarifas de energia, picos de luz.

Raul: A relação entre o entrevistador e o entrevistado é bastante discutida, um dos pontos é o destaque de um ou de outro. Defende-se muito a idéia de o entrevistador nunca ser a estrela da noite. Você percebe isso no Panorama Entrevista?

Christina: No programa, os entrevistadores são as estrelas, até porque acho que é uma questão minha de formação. Muitas vezes o pessoal da edição tenta me cobrar uma posição mais ostensiva, interromper mais, dar mais dinâmica. Só que sou uma boa ouvinte, gosto de

ouvir o outro. Tenho uma tendência de deixar o outro falar, porque gosto. Não gosto de ficar interrompendo aquele que está falando. Não sou uma repórter que interrompe muito, porque não é o meu perfil. Não estaria sendo eu mesma se fizesse isso. Às vezes, até quem está na direção do programa tem que cobrar para que eu interrompa mais. Porque se deixar ...

Eu gosto muito de falar, mas numa entrevista, priorizo muito a fala do outro, de quem entrevisto. Tento apenas direcionar um pouco essa fala. Não sou uma *showoman* como o Jô Soares, um humorista, ou o David Letterman. Eles já têm um brilho próprio já são humoristas. Às vezes procuro ser um pouco mais incisiva, mas não é natural em mim. E eu não sou uma pessoa brigona, pelo meu temperamento, sou uma pessoa muito conciliadora – uma coisa rara em repórter. Sempre fui elogiada pela minha educação de deixarem as pessoas falarem. Não sei se isso é um mérito ou um demérito

Raul: Você gosta de estudos de psicologia, vem daí a razão para algumas dessas atitudes, de ouvir o outro?

Christina: Fui analisada durante muitos anos. E dizem que toda pessoa que faz terapia ela depois se torna um bom analista, porque desenvolve-se essa capacidade de perceber o outro de escutá-lo. Isso é muito agradável para mim. Tenho essa curiosidade de conhecer o ser humano. Sou uma pessoa que falo além do que é necessário, e até um pouco redundante, mas, na hora de escutar, sinto muita facilidade de ficar calada e ouvir. Deve ser por ter sido submetida a análise durante muitos anos e também por ser a psicologia uma área que eu tenho curiosidade de ler textos e sobre o ser humano.

Raul: Em você, falar para milhares de pessoas dá ansiedade e um receio de dizer alguma coisa, surge uma auto-censura?

Christina: Quando gravo, fico mais preocupada com as pessoas que estão no entorno, que estão me vendo ali do que aquelas que vão ver depois. Acho que foi assim também como repórter. Raramente penso em quem vai me ver adiante – se vai achar, bom ou ruim. Fico preocupada naquele momento, principalmente com relação ao entrevistado, para que ele não saia dali com a sensação de que ou eu o bajulei ou deixei de ter firmeza ou de que eu não conhecia o assunto. Tenho muita tranquilidade, que é uma vocação para jornalista. Consegui vivenciá-la, exercitá-la.

De início, eu nunca tinha pensado em trabalhar em tv. Queria trabalhar em revista, porque gosto de coisas mais analíticas, de textos maiores. Por uma questão de conjunta, vim morar em Juiz de Fora. Foi uma boa oportunidade que me surgiu, trabalhar na Globo. Apaixonei-me e virei professora de telejornalismo. E tem umas coisas que a gente aprimora. Tenho facilidade pra falar em público, sou muito natural para trabalhar em TV, desde quando fiz a minha primeira matéria. A única coisa que me decepcionou foram as entradas ao vivo. Como sou muito exigente comigo mesma, tinha receio de falar errado, de esquecer alguma coisa. Mas, no programa gravado, ajo naturalmente. Só se for alguma coisa muito recomendada, ou se estiver insegura de algumas informação é que pode gerar um desconforto.

Raul: Como a atuação de professora de telejornalismo ajuda no trabalho com o Panorama?

Christina: Em várias coisas. Primeiro: a pessoa é obrigada a estudar, então, renovam-se os conceitos daquele objeto de trabalho diário. Segundo: aprimora o conhecimento intelectual sobre o mundo, a visão sobre ele passa a ser mais aguçada, mais fundamentada, então você se torna um jornalista melhor, com uma percepção melhor construída sobre o Real e seus jogos. A presença do aluno é fundamental porque ele faz refletir sobre a sua prática, ele questiona, força-lhe a uma autocrítica constante, trazem muitas idéias novas. Com a diferença de idade

minha e de amigos com os quais me relaciono, surgem idéias diferentes. É bom quando se consegue conciliar a prática e a teoria.

Raul: Você tem algum programa como modelo ou que você assista e diz: “Isso aí gostaria de fazer no Panorama Entrevista”?

Christina: Não, não tenho um modelo porque eu assisto pouco a programas de entrevista. Nunca fui uma pessoa que assistisse muito as essas produções. Tenho mais o hábito de ler entrevistas- gosto muito do que propriamente ver a da TV. Na TV, o que eu mais assisto são os telejornais diários. Então, assim, não me baseie em nada.

Raul: E quanto a entrevistadores?

Christina: Não tenho nenhum mito. Tenho entre repórteres nos quais sempre me espelhei. Lembro-me agora da Neide de Duarte da Globo de São Paulo, que faz ótimas matérias de comportamento, é uma repórter mulher que admiro. Gosto muito do estilo dela. Sempre olho a postura dela numa matéria, como ela encaminha um assunto. Sobre entrevistadora ... ah, eu vou dizer assim Marília Gabriela. Não. Gosto muito dela, mas nosso estilo é diferente e percebo-a, às vezes, um pouco fria, um pouco centrada nela própria, mais do que considero que um bom entrevistador deva ser. Gosto da Leda Nagle, que é uma entrevistadora de televisão mais parecida comigo: mais solta, um estilo mais alegre, mais reverente do que o da Marília Gabriela, que é considerada por muitos a melhor entrevistadora da tv brasileira. Não tenho nada contra, mas não compartilho da idéia de ela ser a melhor. O meu estilo se parece mais, por exemplo, com o da Leda Nagle.

Raul: O programa pode passar por mudanças como com a platéia. O que você sugere?

Christina: Há tendências de mudanças. Quando o Omar sugeriu que tivesse mais entrevistadores, achei interessante, pois considerei que seria um diferencial do programa frente a tantos outros da tv brasileira. Mas reconheço que é difícil conseguir com que as pessoas venham para atuar como entrevistadores e não como o entrevistado. Há problemas de agenda, de conseguir uma boa platéia de convidados entrevistadores. Nem sempre, eles conseguem ficar naturais e entrar no espírito do programa, nem sempre, fazem questões relevantes para a audiência como um todo. Às vezes, alongam-se nas perguntas, que não podem ser cortadas. Não pode interrompê-los toda a hora, pois, afinal, não estão sendo pagos para isso, vêm voluntariamente. Tem que ter respeito pela boa vontade. Em várias revisões do programa, de pensar em tirar os entrevistados pela dificuldade de formar um bom grupo, sempre defendi a espera. Hoje gosto desse quadro, mas queria testar-me sozinha conduzindo ou convidar, eventualmente, alguma pessoa para ver como vai ser. Sinto-me à vontade para entrevistar e quando tenho que dividir o palco é interessante, mas também limita muito minha atuação. Então, quero é ter uma platéia que poderá, ou não, participar - é uma idéia que talvez vá para frente. É interessante ter uma platéia porque se tem a opção de mostrar mais pessoas ali sentadas. Daria mais alma ao programa. Uma produção que não ficaria só no estilo João Gilberto – banquinho e violão. Gosto desse modo intimista, mas para uma tv aberta, ter uma platéia que possa participar ou que apareçam os rostos ali e ter uma pergunta que é gravada e endereçada àquele entrevistado proporcionaria mais dinamicidade.

Raul: Há alguma pessoa que você gostaria de entrevistar?

Christina: Dentro do perfil do programa, certamente, na área de música, tenho curiosidade para entrevistar a Ana Carolina; na literatura, a Rachel Jardim; na política, tenho muita vontade de entrevistar o Fernando Gabeira. Meu sonho de consumo na área de música é o

Milton Nascimento. Gostaria de entrevistar o Aécio Neves, governador; o vice-presidente da República, José de Alencar; empresários como o dono do Café Toko e o da Pangea. No ramo de arquitetura, tenho curiosidade de entrevistar o Rogério Mascarenhas. Mas a minha lista é longa porque sou muito curiosa sobre o ser humano. Geralmente, as pessoas da área de cultura são as que me deixam com mais vontade de conversar. Gostaria também de entrevistar a Leda Nagle e outros da velha da guarda que são daqui de Minas.

Raul: Como está a sua satisfação, desde o início do programa, com as entrevistas?

Christina: Estou satisfeita por poder retornar à televisão depois de onze, doze, anos distante, sem atuação semanal, diária. Fiz vídeos, gravações de áudios e produções institucionais mas sem ter esse vínculo com a produção de uma TV. Queria um programa que abstraísse um pouco as questões do dia-a-dia. Centrasse-se sobre temas e de personagens e que extrapolassem os limites do local, com um caráter mais universal, como é o caso de um escritor que pode ter nascido aqui, mas a obra dele pode refletir o mundo. O programa me dá muita satisfação, acentuada pelo fato de eu estar mais velha. E isso me ajudou até no aspecto de vaidade, de usar roupas que eu nunca pensei que usaria, vestir-se na personagem, porque a entrevistadora também é uma personagem. Tem sido muito interessante esse desafio para mim. O programa me completa. Quanto ao horário, seria ótimo que ele entrasse logo depois do Fantástico, tivesse um tempo maior. Isso me estimularia mais. Gostaria de ter mais gente na produção, uma equipe maior, mais gente pensando o programa. Mas é um balanço positivo, gosto muito de gravar o programa.

ANEXO B
ENTREVISTA COM A EDITORA-CHEFE E O PRODUTOR DO PANORAMA
ENTREVISTA

Entrevista com a editora do Panorama Entrevista, Regina Gaio, e o produtor, Chico Brinati, concedida no dia 24 de novembro de 2006.

Entrevistador: Raul Mourão Ruela.

Local: TV Panorama **Horário:** 18h15

Raul Mourão: Por que a escolha pelo horário de 23h30?

Regina Gaio: Era o único horário aberto na grade de programação disponível pela Rede Globo para as afiliadas. É o que existia. Podia ser 5 horas da manhã, mas já havia toda uma grade coberta com programação.

Raul: Por que um formato parecido com o *talk show*?

Regina: Exatamente por faltar, dentro da programação local, um programa do tipo, mas com formato jornalístico.

Raul: Ele segue algum modelo brasileiro, tipo Jô Soares?

Regina.: Olha, acho que o modelo existe em quase todas as emissoras, não é uma coisa inédita, nem um modelo inédito. O que nós buscamos aqui é a nossa maneira de fazer. O modelo já existe, está aí, na própria Globo e é muito comum na Globo News. Acho que é a emissora que mais explora esse tipo de programa.

Francisco (Chico) Brinati: Nossa diferença, pelo menos nesse primeiro ano, foi a platéia. Os convidados sempre fazendo perguntas que têm a ver com o entrevistado da noite, com algum tema ligado a ele que é possível abordar. Abre-se essa perspectiva de outras pessoas poderem também entrevistar, não só a entrevistadora.

Regina: O diferencial está aí, sim, numa platéia que não funciona como a do Jô Soares, a qual não participa diretamente da entrevista, assiste apenas. Criamos esta platéia para também fazer perguntas sempre ligadas ao tema.

Raul: Então não segue a algum modelo específico?

Regina.: Não, não, necessariamente. Eu não me lembro de ter esse modelo.

Raul: Ou algum que vocês acompanham mais “Ah, este legal, vamos ter lá no Panorama Entrevista!”?

Regina: Não, não pensamos nisso. Nós sabíamos que já existia, mas não pensamos nisso.

Chico: A gente segue, desde o início, desde a idéia do programa, é valorizar as personalidades, pessoas da nossa região. É um programa em que a pessoa vai poder contar histórias da vida dela. Geralmente, a gente não segue um modelo. Nesse primeiro ano, a gente não teve um modelo definido: “a gente vai começar, vai seguir Fulano de Tal. Vamos seguir mais Jô Soares, que é um estilo mais brincalhão, mais irônico, não. Você vai tentar contar por que aquela pessoa chegou até ali, o que a levou até ali, o que a fez aquilo que ela é hoje.” Acho que seria isso.

Regina: É colocar gente da região, mineira, principalmente. Mas a gente extrapola e buscamos gente de fora, mas que são pessoas que, de uma certa forma, ajudaram ou estão ajudando na construção desta história [de Juiz de Fora e Região].

Raul: Regina, você faz a edição, a direção do programa ...

Regina: Eu não gosto muito de falar “direção” não, porque acho que direção é de espetáculo. Prefiro trabalhar com a função de editora, que realmente é a função de estar ali ajudando a Musse a . . . dar uma direção, que a gente chama de edição de programa: os blocos têm que dar no tempo, tem que dar o conteúdo, para ver se está saindo como aquilo que a gente planejou. A gente tem esta divisão: no primeiro bloco, normalmente, a gente trabalha em cima da memória, faz a pessoa lembrar e contar fatos; depois a gente vai com outros aspectos da vida dessa pessoa. No primeiro bloco, a gente tenta manter essa coisa mais pessoal. Então, para que não saia, a direção funciona nesse aspecto. A Christina pode fugir, um pouquinho, para não perder um pouco o tema que nós estamos trabalhando.

Raul: Quais são suas atividades mesmo na parte da edição? Você verifica o ponto, passa algumas informações para ela .. .

Regina: Como você viu, usamos o ponto. Nossa comunicação é através dele, já que eu fico numa sala; e ela, numa outra. Depois do programa [na edição], muitas vezes, o que ocorre é o entrevistado, mesmo com este tipo de controle, extrapolar. Às vezes, fala mais do que o tempo previsto. A seguir, vou para a ilha de edição para fazer uma edição mesmo, já que aquele programa ultrapassou o limite, tentando colocá-las no tempo e dar, às vezes, uma coerência.

Raul: Regina, o que é mais dito com a Christina no ponto eletrônico? É questão do tempo, alguma pergunta que venha a calhar na hora?

Regina: É uma coisa que exija uma outra intervenção dentro daquilo perguntado. Faz um voltar pra questionar, sabe? Aí, eu tento intervir: “Olha, o que é isso que ela falou?” Pois, às

vezes, ela, entrevistando, não poder ter percebido isso. Seja uma simples sigla: “Pergunte o que é?”, “Então, o que ele gosta”. O entrevistado fala: “Eu gosto muito de comida mineira.”. “Mas do quê?”. Falo alguma coisa que está dentro daquele roteiro, que é muito mais dela, a gente a deixa muito mais livre. Existe uma pauta que conversamos, e eu procuro ver onde a gente está para lembrá-la.

Raul: E isso tudo tem que respeitar o tempo de 30 minutos para a entrevista.

Regina: Respeitar o tempo. A gente divide-o em blocos de 10 minutos para não haver um desequilíbrio.

Não é característica desse programa colocar imagens, mas há momentos de necessidade. Se vamos falar com um artista plástico, como o Bracher [Décio Bracher], não dá pra fechar o programa sem colocar uma imagem, pois sem a pintura chamaria menos atenção. No caso de uma cantora, apresentaria uma música. Ela não estava ali pra cantar, mas não dá pra passar o programa sem a canção. No caso do Clodismidt [ex líder sindical Clodismidt Riani] havia fotos que lembravam os relatos dele do tempo como líder sindical, as quais ajudavam a comprovar o que ele estava dizendo.

Raul: Chico, você faz a parte da produção, entra em contato com os convidados, vê se as câmeras estão funcionando ...

Chico: Na verdade, no trabalho da produção, a parte técnica fica só para entrarmos em contato com o setor técnico mesmo.

Regina: Temos que consultar os outros profissionais que vão participar da gravação, avisá-los, todos têm que estar cientes. Tem que avisar do horário, que não pode estar ocupado por outro programa. Temos que avisar à Engenharia para poder liberar um operador de áudio. É

assim que nós trabalhamos. Normalmente, a direção do programa faz parte do departamento de jornalismo, e a parte técnica já está escalada normalmente para esse trabalho.

Raul: Eu pergunto porque tem as atividades básicas, mas, às vezes, diferem de local, de programa.

Você é responsável também pelo Panorama Revista [programa semanal de cultura]. É editora de outro programa?

Regina: Eu participo normalmente dos MGs [o telejornal MGTV]. Não trabalho diariamente com os MGs, mas, havendo necessidade, posso editar alguma matéria. E sou plantonista de fim de semana.

Raul: Chico, você participa do Panorama Revista também?

Chico: Também ajudo na produção do Panorama Revista, e alguma coisa na produção do jornalismo. Você tinha perguntado, não sei se te respondi . . .

Regina: É! Como é que a gente leva o convidado. A gente faz uma reunião entre eu e a Christina. Temos os nomes em uma lista com as pessoas que a gente considera importantes virem ao programa.

Chico: A gente divide esses entrevistados por ... pelo nível do entrevistado: se é uma pessoa muito difícil de trazer, se é um medalhão, ou mais comum, daqui de Juiz de Fora, o qual seria um entrevistado mais fácil de se conseguir. A gente não tenta sempre emplacar um medalhão atrás do outro, tenta mesclar um medalhão, duas pessoas mais locais.

Regina: É . . . Todos são importantes para a gente, né? Acho que a gente divide muito mais, Chico, em relação a temas. Se num, a pessoa é ligada a música, a gente evita que, na exibição seguinte, repita o mesmo tema. Podemos até gravar, mas, é divisão: um músico, um empresário, um político, mescla com profissional liberal, depois voltamos à cultura, com um

escritor. Sempre mesclando para não ficar um mês com o mesmo tema. Tentamos um equilíbrio.

Raul: Como é decidido quem vai ser o entrevistado? É sua sugestão?

Regina: São minhas sugestões, de e-mails. Fazemos um planejamento que, nem sempre, conseguimos cumprir, porque, às vezes, a pessoa dá uma resposta quando a grade já está fechada naquela semana, daí temos que adiar.

Raul: Tem algum tipo de convidado que não é recomendado?

Regina: Não. Nunca aconteceu isso não. A gente já faz essa escolha mesmo.

Chico: Nós temos que pensar em tudo isso antes.

Regina: Nos nossos critérios que levam essa pessoa a ser convidada.

Raul: Que é o fato de . . . às vezes aquele casal de escritores, Eliardo e ... França, não sei se são de Juiz de Fora, mas eles estavam participando do Festival de Leitura na época ...

Regina: Não, eles são de Santos Dumont, construíram a vida deles aqui, então, pra nós, cai como uma luva.

Raul: E eles têm uma repercussão nacional ...

Regina: Por exemplo, Zuenir Ventura. Fizemos a opção por ele ser uma pessoa conhecida, claro, mas como faríamos [para encaixá-lo no programa]? Descobrimos que ele é de Além Paraíba. Então, essa era a nossa razão. Sempre trato isso na abertura do programa, para a Christina ler de onde vem essa pessoa.

Chico: O máximo seria assim: a pessoa nascida aqui ou ela tem uma forte influência aqui, na cidade ou na região. Igual ao que ela falou do Zuenir Ventura: ele pode até não ter passado

aqui sua parte alta da vida jornalística, mas é nascido em Além Paraíba, então, você pode trazê-lo. E, em algumas vezes a gente abre até uma exceção, mas acho que o máximo que podemos abrir ...

Regina: Nós tivemos que tomar essa decisão: de começar a falar “não”. Às vezes, a gente perde uma oportunidade de uma pessoa brilhante aqui, mas não se encaixa nesse perfil de ser principalmente mineiro. A gente está tentando manter isso.

Raul: Se viesse o cantor Lenine, como exemplo, para se apresentar no Central [Cine Theatro Central], aproveitando que ele está em Juiz de Fora ...

Regina: Não, não, pra isso aí entra o Panorama Revista, o MGTV, que pode dar o show dele num vivo ou numa gravação qualquer. Aí, a gente já exclui o Panorama Entrevista.

Raul: Mas se fosse o caso de um Paulo Coelho, aí já valeria a pena trazê-lo para o programa?

Regina: Também não. Enquanto for carioca, etc, ele vai ser sempre direcionado para outro programa. Por enquanto, nós vamos conseguir manter isto: mineiros que podem contar sua história para a gente para ter uma razão regional, uma TV Regional, né?

Chico: Você quer ver um exemplo? Se o Lula viesse a Juiz de Fora – o presidente do Brasil ! – não se encaixaria nesse perfil. Agora, o José de Alencar, vice-presidente, é de Muriaé, então ele se encaixa.

Regina: O Gabeira ...

Chico: O Gabeira [Deputado federal], é de Juiz de Fora

Regina: O Gabeira a gente traz.

Chico: Essa seria uma dificuldade, digamos assim, da Produção.

Regina: E a pessoa não precisa estar na mídia, estourando, não; não tem essa relação, não tem. Essa preocupação não existe.

Chico: A preocupação é que ele tenha uma boa história para contar, que possa te prender na TV.

Raul: E quanto aos critérios pra selecionar os convidados que vão auxiliar a Christina Musse na entrevista, é estar relacionado ao tema, terem conhecimento do assunto?

Regina: Sim, nesse ponto, a gente também procura saber com outras pessoas, procura dentro do próprio departamento de Jornalismo, da própria Redação: “Gente, vocês conhecem alguém que tenha ligação com aquela pessoa que vamos entrevistar?” A gente sempre busca ajuda dos próprios colegas de trabalho.

Chico: A gente sempre busca também mesclar os assuntos. Para o Hélio Costa, que foi um dos nossos primeiros entrevistados – é político e Ministro da Comunicação – chamamos: um jornalista pra poder falar do jornalismo dele, um político para dizer sobre política e um engenheiro elétrico pra falar de tecnologia. Assim, tentamos sempre mesclar assuntos para que não fique toda uma platéia de convidados com o mesmo tipo de pergunta. Mesclamos para abordar os vários assuntos relativos àquele entrevistado.

Raul: Tem um dia que vocês se reúnem para estabelecer a pauta?

Regina: Na segunda-feira, a gente costuma se reunir pra poder - às vezes, a Musse não pode - pra discutir o próximo programa, porque, nessas alturas, o programa da semana, está gravado.

Raul: Vocês percebem do entrevistado, por ele estar num estúdio de televisão, de ter maquiagem, luz, todo aquele ambiente e o fato de falar para milhares de telespectadores, alguma perda de espontaneidade?

Regina: É comum, no início do programa, que as pessoas tenham um pouco dessa timidez diante das câmeras e, algumas vezes, são pessoas tímidas, que não se soltam tanto. Mas, no desenrolar do programa, vão se soltando.

Chico: A gente trabalha muito também com essa questão de deixar a pessoa bem à vontade.

Regina: É um programa gravado, deixamos isso claro: “Não gostou? Gravamos de novo.” É para a pessoa saber que ela pode voltar. Isso facilita para que se soltem.

Raul: Você percebe alguma vantagem da entrevista na TV sobre a do jornal ou do rádio?

Regina: Acho que na TV tem a questão da imagem, que é fundamental. Ter um contato – não é um contato direto, mas o telespectador está próximo daquela emoção, quando a pessoa está emocionada, nervosa ou indignada. Consegue-se perceber isso. No jornal, não vai ter isso, mas, na TV, você verá aquela pessoa como ela é naquele momento. Em um instante, ela foi profundamente nervosa ao falar alguma coisa dela; você vai ver esse olhar, essa expressão, embora não esteja perto. No jornal, você não sabe nem como a pessoa falou. “Como é que ela estava nessa hora?” A Tv não mente, ainda mais a entrevista, que não pode tampar, camuflar.

Raul: O programa parece ter uma característica mais leve, de uma conversa mais tranqüila, às vezes, até diferente de uma entrevista mesmo de debate em que o entrevistador questiona mais. Mas a entrevista com o Bejani [prefeito de Juiz de Fora] foi mais incisiva.

Regina: A nossa intenção não é polemizar, não é um programa de debate. Então, às vezes, a gente deve perguntar, tal como foi o caso do Bejani. Não dava pra falar só da vida dele, pois é o administrador desta cidade, portanto, tinham que ser perguntadas coisas que a população questiona. Foi o que nós fizemos. Com alguns não há como, a gente acaba fugindo um pouquinho, porque a proposta não é essa. Essas outras perguntas podem ser respondidas em outros lugares, num jornal. Nossa entrevista não é do factual, é um tipo que pode guardar, que vai se manter atual, pois é um programa gravado que pode correr o risco de não ser exibido.

Raul: Por que a opção por um programa gravado e não ao vivo?

Regina: Por que o horário é mutável, já houve situação de ser exibido uma hora da manhã. Se a gente optasse por ser ao vivo, prenderíamos o entrevistado até tarde da noite. Não dá certo.

Chico: É um horário muito incomum, até mesmo para os quatro convidados.

Raul: Há pretensão de algum dia ser exibido ao vivo?

Regina: Há pretensão da emissora, mas, enfim, não tem prazo. [Mas] Ela não intenção não. Não tem como, é uma coisa muito complicada, até porque tem platéia, não é só o entrevistado e a equipe que está trabalhando, tem mais quatro pessoas que a gente chama em média, que também teriam que estar aqui.

Raul: Não poderia deixar de perguntar: é que o Omar Peres [presidente da O.P.Com, grupo que detém a TV Panorama] foi candidato ao Senado [pelo PDT nas eleições 2006] e, com essa coisa de um partido não combinar com outro, tem havido alguma restrição quanto a convidados políticos?

Regina: Não, mesmo porque política não é o que a gente prioriza, justamente porque podemos abrir precedentes que não queremos.

Raul: Quais são os temas prioritários do programa?

Regina: Do que a gente já mostrou até agora, priorizamos cultura, porque Juiz de Fora e região são muito ricas disso. Há nomes aqui que têm projeção nacional ou pessoas que ajudaram muito a construir a cidade.

Raul: A idéia é continuar a prioridade com cultura?

Regina: Não. Vamos continuar

Raul: Vai continuar variando da forma que puder.

Regina: Variando da forma que puder, né?

Raul: Tem alguma dificuldade de conseguir número suficiente de entrevistados ou a região oferece uma quantidade suficiente para todo domingo?

Regina: Oferece. Acho que ainda tem muito pano pra manga.

Raul: E para convidados?

Regina: Também tem. Às vezes, nós repetimos os convidados, porque foi uma pessoa que teve uma participação muito boa, né? Um jornalista, nós fizemos muitos convites a jornalistas.

Raul: E quanto à produção, Chiquinho, quais dificuldades você encontra ou não ?

Chico: A grande dificuldade é conciliar a agenda desse pessoal com o dia da gravação. É conseguir também mesclar bons convidados para a platéia para abordar os assuntos da entrevista. Seria basicamente isso. Trabalha-se sempre o improvável, daí há a margem de segurança de um ou dois programas de gaveta, por conta dessa dificuldade. Acho sempre importante prever essa dificuldade. Nossa gravação, normalmente, é na quarta-feira, 14h. Já, na próxima semana, vamos gravar na quinta.

Regina: Hoje é, realmente, a nossa maior dificuldade.

Chico: A cidade e a região é referência de muitos valores, tem muita gente de destaque nacional, só que não conseguimos trazê-las, devido até mesmo à falta de conciliação de agendas.

Raul: **Vocês acham que o horário em que o programa é transmitido interfere na aceitação do público? Já houve alguma reclamação?**

Regina: Não, não. Ninguém questionou o fato de ele ser exibido um pouco mais tarde ou o entrevistado ficou preocupado por conta disso. Nunca ninguém me questionou.

Quero lembrar que, quando a gente fala de destaque nacional, não é necessariamente esse, entendeu . . . [pausa para atender a uma colega de trabalho]. Vou ressaltar o grupo Ponto de Partida de Barbacena [entrevistado], né? Foi de projeção nacional, sim, saiu fora do Brasil, mas o convite foi principalmente, pelo o que eles cultivam, aqui, na terra deles, pela forma como eles fazem o trabalho da raiz deles que me emociona muito. Então, não dá pra deixar de lembrar disso. Mas, talvez, em Juiz de Fora ninguém soubesse direito o que é Ponto de Partida pelo trabalho que esse grupo faz. O José Luiz Ribeiro [entrevistado] ninguém sabe sobre ele, talvez, em outras cidades. Mas, para nós aqui ele representa muito.

Raul: Como é o retorno que vocês recebem dos telespectadores?

Regina: Respondem que gostaram, fazem críticas a alguma pergunta que a platéia não tenha feito e sugestões que nem sempre dá pra atender pois são idéias muito locais. Recebemos sugestão de uma dupla sertaneja de uma cidade pequena. Não é essa a idéia, né? Há outros veículos, tem o Panorama Revista para colocar, o MGTV.

Raul: Quais são as fontes consultadas para a pesquisa sobre o entrevistado? Internet, conhecimento pessoal ?

Chico: É um conjunto disso tudo. Precisamos ficar atentos às notícias que saem no jornal, pois tem muita gente na lista de futuros entrevistados que a Regina falou. Por isso, por exemplo, quando sai a notícia de que o Paulo Delgado (PT) [candidato derrotado em 2006 na reeleição para deputado federal] concorre a uma vaga de ministro no Tribunal de Contas da União, ele torna-se um entrevistado em potencial. Outra: a Nanda Cavalcante [cantora da noite juizforana] que foi para o Rio de Janeiro pode-se tornar um entrevistado. Agora a gente não sabe se ele [Paulo Delgado] vai conseguir se eleger. Se perder, podemos perguntar o que o levou a ser indicado ao cargo de ministro e não outros deputados. Então, isso eleva o potencial como entrevistado. Eu e a Regina conversamos muito sobre isso, discutimos pauta, fazemos pesquisa na internet, fora os que a gente recebe também.

Raul: Há quantas pessoas, em média, na lista?

Regina: Há uns quinze. Alguns que a gente não conseguiu trazer ainda: o Giovane [Gávio, jogador de vôlei], a Ana Carolina, a Leda Nagle. Há um bocado de gente ainda pra trazer.

ANEXO C
ENTREVISTA COM A CANTORA CELMA

Data: 30 de novembro de 2006. Local: estúdio do Panorama Entrevista

Horário: 17:30

Entrevistador: Raul Mourão Ruela

Celma faz segunda voz na dupla com a irmã gêmea, Célia. As duas foram as entrevistadas do programa exibido no dia 10 de dezembro de 2006. Após o fim da gravação do programa, Celma fala sobre a percepção sobre assuntos que envolveram sua participação no Panorama Entrevista: tempo, promoção artística, exposição na TV e a atuação dos convidados que formaram a platéia.

Raul Mourão: Quanto ao tempo, deu para falar bem, foi o suficiente?

Celma: Acho que sim, é um programa enxuto e com conteúdo. Deu tempo pra falar bastante todas as perguntas. Quem está no primeiro cd, talvez, o tempo seja até longo demais, mas acho que, por termos muito tempo de carreira. deu pra concentrar tudo. A gente falou o mais importante. Acho que valeu sim.

Raul: E quanto à liberdade de falar o que você gostaria de dizer, você se sentiu à vontade ?

Celma: Sim, fiquei muito à vontade, senti-me como se estivesse em casa. (risos)

Raul: Você vê alguma diferença entre você, pessoalmente, e aquela que está na televisão? Alguma diferença entre a Celma enquanto pessoa comum e a Celma que está na TV, que dá uma entrevista?

Celma: Bem, a Celma pessoa fala de outras coisas também, e com a Celma artística o enfoque maior é na vida artística. Como pessoa, assim, acho que sou simples; eu e minha irmã. A gente procura passar isso ai, não tem como ser diferente.

Raul: Quanto à visibilidade do seu trabalho, você achou que foi um espaço importante?

Celma: Muito importante, porque esse programa vai para várias cidades, e a Panorama é uma emissora que tem credibilidade. Chegamos nos lugares e as pessoas vêm e falam na maior simpatia, há credibilidade. Acho que para nós foi muito importante fazer essa entrevista.

Raul: Em algum momento, você se sentiu preocupada em promover o livro?

Celma: Olha, eu acho que o enfoque foi muito bom. Espero que o retorno seja bom também. A gente deixou o endereço do site, né?. Eu fiquei muito satisfeita, não tenho nada a dizer contra.

Raul: E a relação com a Christina ?

Celma: Ah, maravilhosa, nossa! Vou voltar a dizer: estamos em casa. A Regina, todo o pessoal, que trabalha aqui dentro . . . tudo maravilhoso!

Raul: Você acha que teria alguma coisa que poderia ser perguntada e não foi?

Celma: Não, não senti falta de nada. Sinceramente, não. O tempo foi muito bem aproveitado.

Raul: O que você achou da participação das outras pessoas como entrevistadoras?

Celma: Gostei, ficou leve e tudo. Acho que talvez elas pudessem ter perguntado mais, mas a gente fala muito – eu e minha irmã. Talvez alongamos as repostas. Mas tudo bem, foi equilibrado, interessante. A música estava ótima.

ANEXO D

ENTREVISTA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DAS ORGANIZAÇÕES PANORAMA DE COMUNICAÇÃO AO PORTAL I.PANORAMA

Omar Peres cria Conselho de Administração da OP.Com

23/11/2006

O empresário Omar Peres anunciou, ontem, que vai deixar as atividades administrativas do dia-a-dia, para se dedicar a novos projetos, mantendo-se no comando da política editorial do grupo. Ele passa a presidir o Conselho de Administração da OP.Com, que terá como diretor geral Antônio Braga.

Entrevista

Que motivos levaram o senhor a deixar a Presidência da OP.Com e nomear um executivo para a sua posição?

Omar Peres - Estou dando como encerrada a fase de criação e estruturação da Organização Panorama de Comunicação. Em três anos, criamos um site (Ipanorama.com), uma rádio que é líder de audiência na cidade e um jornal que se transformou num dos maiores sucessos editoriais do Brasil. Eles se juntaram à TV Panorama e, somados, tornaram-se uma grande empresa de comunicação que é orgulho para Juiz de Fora e para Minas Gerais. E esse ano tivemos o maior faturamento da história da TV Panorama. Somos quase cem jornalistas cobrindo mais de 120 municípios com aproximadamente 3 milhões de habitantes. Somos grandes! E maduros como empresa de comunicação e de tecnologia. Por isso, entramos numa nova fase, na qual eu vou ter mais tempo para me dedicar a novos projetos.

Qual o maior motivo de satisfação nesses três anos?

Não existe apenas um, são vários os motivos de satisfação. Mais do que satisfação, muito orgulho. Em primeiro lugar, a experiência pioneira de criar um jornal gratuito em nosso País, dentro do objetivo de mostrar que informação não tem preço. Depois, o sucesso da rádio, que além de líder em seu segmento, é das mais ouvidas em municípios vizinhos. Quanto à TV Panorama, somos rigorosamente líderes em todos os horários. E ficamos ainda mais contentes quando vemos que os programas feitos aqui dão um 'banho de audiência'. Refiro-me aos telejornais, ao Panorama Revista e ao nosso novo grande sucesso, que é o Panorama Entrevista, que acaba de completar um ano.

Com tanta satisfação, não é difícil deixar o dia-a-dia da Organização Panorama?

Pelo contrário, acho que até facilita. Não vamos confundir: não estou deixando a empresa. Estou sim, deixando o dia-a-dia operacional e burocrático da Organização. Mas jamais o seu comando. Constatamos que o projeto amadureceu e que uma nova etapa se impunha, naturalmente. Assim, o Antônio Braga, que já era o segundo executivo na empresa, assume maiores responsabilidades, como condutor principal do desenho que fiz para a estruturação de uma importante e respeitada empresa de comunicação, motivo hoje de orgulho para Juiz de Fora.

O senhor não está deixando portanto o comando da empresa?

Não. De forma alguma. Apenas redistribuo responsabilidades. O Braga assume, como disse, as operações do dia-a-dia, e eu presidindo um enxuto e desburocratizado Conselho de Administração, formado por três pessoas, terei a nova função de acompanhar as diretrizes orçamentárias que tracei para os próximos dois anos. Teremos pela frente decisões importantes a serem tomadas em decorrência dos vultosos investimentos que iremos fazer com a chegada da TV digital, que significa literalmente a implantação de uma nova TV, jogando fora todos os equipamentos que utilizamos hoje. E, por isso, faz parte de nosso planejamento uma nova sede, que tenho certeza, mudará, mais uma vez, a história da televisão em Juiz de Fora. Vamos sair de onde estamos para construir um prédio moderno em sua concepção arquitetônica e tecnológica.

E a questão editorial, como fica?

O Conselho vai acompanhar de perto a linha editorial dos nossos veículos, que seguem sendo de minha exclusiva responsabilidade. Para esse trabalho, conto com a colaboração dos jornalistas Wilson Cid, que torna-se agora diretor responsável pelo Jornal Panorama, e Roberto Gonçalves, diretor de jornalismo da OP.Com. São dois grandes profissionais, meus amigos e, portanto, de minha inteira confiança. Mais importante é que eles integram e apóiam o projeto maior, que é continuar o trabalho de termos a OP.Com como referência de empresa de comunicação do interior.

Quem vai fazer parte do Conselho?

O jornalista Madruga Duarte, um dos maiores nomes da TV brasileira e minha filha Maria Clara Botelho Peres.

Novos projetos para 2007?

Com certeza. Uma empresa de Comunicação que deixar de criar, morre. Digo isso sempre. Aqui na OP.Com a 'ordem' é ser criativo, colocar as idéias em prática. E isso não é discurso. É prática mesmo. Tenho também meus projetos pessoais, no campo da comunicação. Quero escrever mais, quero cobrar mais de nossos políticos, quero pensar Juiz de Fora, Minas e o Brasil. Quero continuar contribuindo e nesse sentido, não tendo a responsabilidade da empresa no seu dia-a-dia, já que o Braga responderá por mim, vou ter mais liberdade e tempo para criar e pensar novos empreendimentos. Vou lançar, ainda esse ano, o meu livro de crônicas e artigos que publiquei no Panorama. Será uma edição com preço popular e espero que os meus leitores gostem. Uma área em que quero trabalhar muito em 2007 é a de documentários para a TV. É uma paixão que tenho há muito tempo, que é contar a vida das pessoas que fazem história e também mostrar a nossa dura realidade social. O documentário é um grande instrumento para isso. Quero criar um Departamento de Documentários na TV Panorama. Espero conseguir.

Fonte: http://ipanorama.globo.com/plantao/noticia/default.asp?id_noticia=75221
Acessado em 10.12.2006

ANEXO E- NOTÍCIAS NO PORTAL I.PANORAMA.COM

Panorama Entrevista

01/06/2006

Neste domingo, o Panorama Entrevista recebe Mauro Halfeld, analista financeiro e autor de dois livros de sucesso na área econômica.

Conhecido por traduzir a economia de maneira clara e objetiva, ele ensina como poupar, evitar os juros e aplicar o dinheiro corretamente.

**Quem você gostaria de ver sendo entrevistado por Christina Musse?
Assistiu ao programa e quer saber mais alguma informação?**

Mande sua sugestão para o e-mail entrevista@tvp panorama.com.br

O Panorama Entrevista vai ao ar depois de Sob Nova Direção.

Disponível em: http://ipanorama.globo.com/plantao/noticia/default.asp?id_noticia=70208.
Acessado em 02.out.2006.

ANEXO F
CONVITE A ENTREVISTADO ATRAVÉS DE E-MAIL

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

ANEXO G

PESQUISA PARA A ENTREVISTA COM O REITOR DA UFJF HENRIQUE DUQUE

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

ANEXO H**SCRIPT DO PROGRAMA COM O REITOR DA UFJF HENRIQUE DUQUE**

Material sem versão eletrônica. O original encontra-se anexado na monografia encadernada.

ANEXO I

NOTÍCIAS SOBRE O PANORAMA ENTREVISTA NO JORNAL PANORAMA

Ver página em formato .pdf nomeada “ Jornal Panorama – Notícia sobre o PE – 07.01.2007 página 140 da monografia” salva nesta pasta.

Ver página em formato .pdf nomeada “Matéria sobre o PE – 17..12.2006 – pág. 141 da monografia” salva nesta pasta.

*Ver página em formato .pdf nomeada “Página 4 – Panorama – 21.12.2006- pág.
142 da monografia”*

ANEXO J
RANKING DOS TRINTA PROGRAMAS MAIS ASSISTIDOS NA TV PANORAMA

Universos válidos até o último dia do mês, para efeito de planejamento; caso você vá realizar ações localizadas de promoção de vendas, testes de mercado, etc. consulte o Atendimento Comercial. O Atlas está disponível na internet e não há exemplares impressos.

Dúvidas, comentários e sugestões a fazer, consultem-nos: atlas.cobertura@tvglobo.com.br

Estimativas: os dados 2005 foram estimados com base nas seguintes variáveis:

População: Estimativas Populacionais para os Municípios Brasileiros e Taxas Médias Geométricas Anuais de Crescimento em Julho 2004 - IBGE

Domicílios com TV: PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios / IBGE) 1998 e 2003 – Taxa Média de Crescimento 1998/2003

Índice de Potencial de Consumo (IPC%): Target Pesquisas e Serviços de Marketing – Brasil em Foco 2006.

A seção Dúvidas está disponível somente para consulta on-line.

CENTRAL GLOBO DE MARKETING

Ranking 30 > JUIZ DE FORA (MG) / AGOSTO '06 - 100% SÃO DA GLOBO				
	REDE	PROGRAMA	AUD	PART
1	GLO	JORNAL NACIONAL	62	84
2	GLO	NOVELA 20H	60	83
3	GLO	NOVELA 19H	54	82
4	GLO	PRAÇA TV 2ª EDIÇÃO	51	80
5	GLO	NOVELA 18H	48	83
6	GLO	CASSETA E PLANETA	47	71
7	GLO	A GRANDE FAMÍLIA	46	73
8	GLO	TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA - São Paulo x Internacional RS (09/08/06)	45	80
9	GLO	FANTÁSTICO	39	75
10	GLO	TELA QUENTE	39	75
11	GLO	ZORRA TOTAL	38	79
12	GLO	GLOBO REPÓRTER	38	75
13	GLO	SHOW DE TERÇA F	36	66
14	GLO	CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL - Botafogo RJ x Palmeiras (13/08/06)	33	64
15	GLO	MALHAÇÃO	32	75
16	GLO	DOMINGÃO DO FAUSTÃO	32	63
17	GLO	LINHA DIRETA	31	66
18	GLO	SHOW DE SEXTA F	24	68
19	GLO	GLOBO NOTÍCIA VESPERTINO	24	68
20	GLO	CENTRAL DA PERIFERIA (12/08/06)	24	61
21	GLO	PRAÇA TV 1ª EDIÇÃO	22	68
22	GLO	GLOBO NOTÍCIA DOMINGO	22	61
23	GLO	GLOBO ESPORTE	21	70
24	GLO	LIGA MUNDIAL DE VOLEI MASCULINO - Brasil x Finlândia (13/08/06)	21	66
25	GLO	CALDEIRÃO DO HUCK	21	55
26	GLO	JORNAL HOJE	20	70
27	GLO	VÍDEO SHOW	20	70
28	GLO	VALE A PENA VER	20	66
29	GLO	ESPORTE ESPETACULAR	20	66
30	GLO	GLOBO NOTÍCIAS SÁBADOS	20	53

FONTE: CGM/DIM/DP

Disponível em <http://comercial.redeglobo.com.br/atlas2004/ranking30_detalle.php?nome_arquivo=JF.csv&pexib=JF> Acesso em 02.dez.2006.